

JORNAL DE 2^a FEIRA

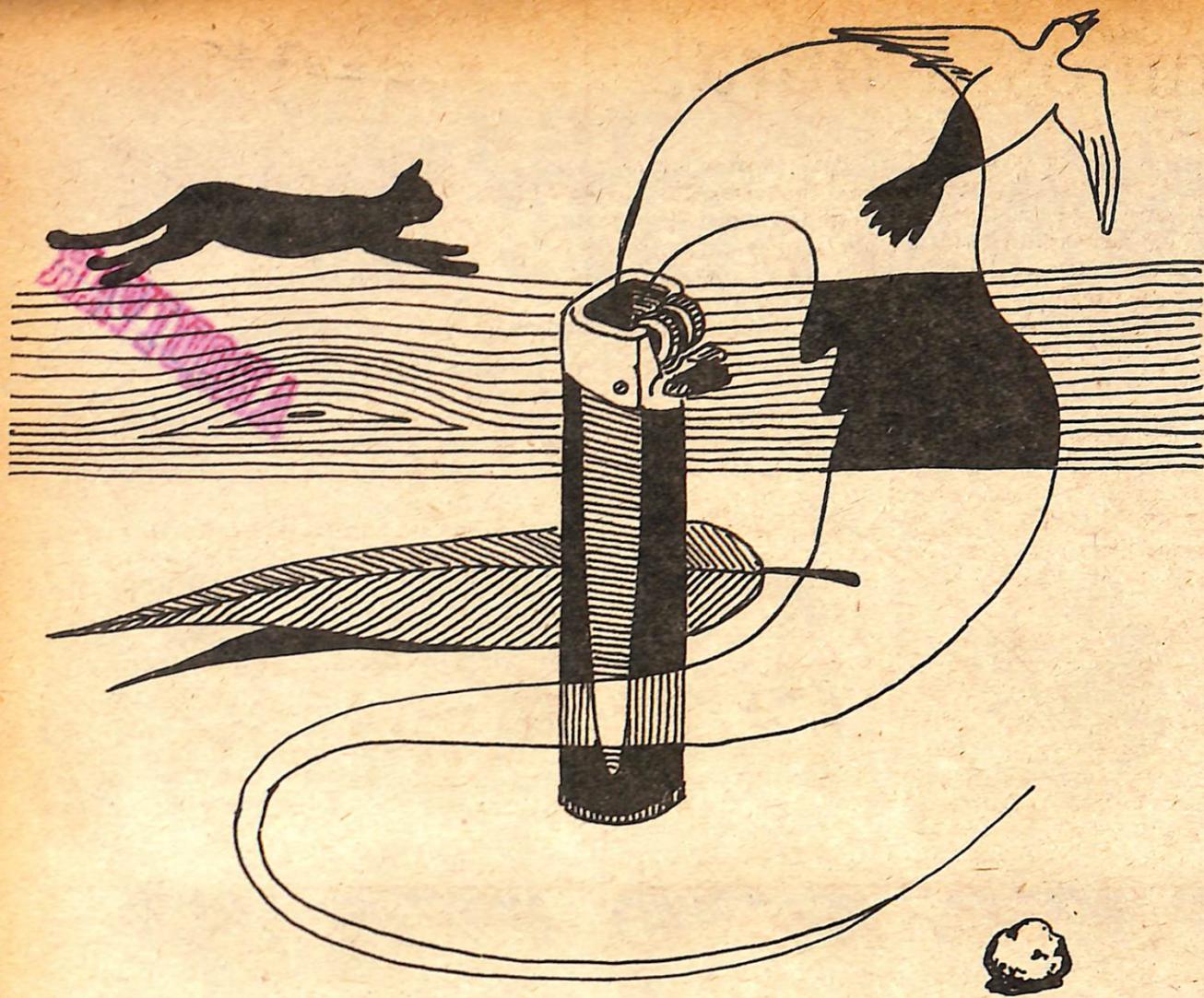
JUNDIAI, 5 A 11 DE JANEIRO DE 1976 - Nº 27 - CR. \$ 2.00

~~A PROIBIÇÃO
DE ASSINAR~~



**ARENA E MDB
NA BOCA DO POVO**





Lendo Cortázar

“E Lina olhando-nos olhos e depois abaixando rápido os olhos como se tudo aquilo estivesse ali em cima da mesa, entre as migalhas, já lixo do tempo, como se ele tivesse lhe falado de tudo isso em vez de repetir-lhe vem, você tem que descansar, sem animar-se ao plural mais lógico, vem vamos dormir, e Lina que se resgalava e lembrava de uns cavalos (ou eram vacas, mal escutava o final da frase), uns cavalos atravessando o campo como se alguma coisa os tivesse espantado de repente: dois cavalos brancos e um alazão, no sitio dos meus tios você não sabe o que era galopar de tarde contra o vento”...

Interrompeu um instante a leitura para acender o cigarro que levava à boca já há dez páginas, sem coragem de acender, sem coragem de interromper os

afritos longos parágrafos, ilógicos como a coisa é na realidade, associações nada-livres, lembrança puxando lembrança, livre pensar que não se controla, como não conseguia controlar a vontade de fumar, apesar de tudo.

Sua mão foi instintivamente ao bolso direito da camisa, onde ficava o isqueiro. O polegar tentou girar, também por instinto, o acendedor. Emperrado. Impossível, ganhara o isqueiro ainda outro dia, seu aniversário, quanto? talvez uns quinze dias? Tentou novamente, emperrado, a pedra terminara.

Era um isqueiro descartável, seu primeiro isqueiro descartável. Ouviu a voz de Sheila “e se acabar a pedra antes do gás, eles trocam”, falava de brincadeira, estavam os dois muito felizes, o aniversário, a comemoração a

dois, como devia ser, um delicioso jantar do qual não lembrava um prato sequer, delicioso porque tudo corria bem, haviam feito as pazes no dia anterior depois de chorarem juntos e se amarem e se perdoarem e no dia seguinte o jantar e o isqueiro, “tem garantia, se acabar a pedra antes do gás, eles trocam”.

Sentiu um súbito mal-estar e pensou em Sheila. Tentou mais uma vez o isqueiro, levantou-se, apanhou fósforos na cozinha, abriu a válvula do isqueiro, acendeu com o fósforo, havia gás.

Acendeu o cigarro, ainda sentindo-se mal e pensando em Sheila. Olhou as horas: quinze para as duas, se não fosse tão tarde ligaria pra Sheila, não queria acordar a mãe dela e dizer telefoni para saber se está tudo bem, é que o isqueiro emperrou e me senti mal e

pensei que Sheila... seria estúpido.

Volto à leitura, mas era impossível continuar, os longos parágrafos precisavam ser relidos, esquecia-se da frase lida na linha de cima. Tentou novamente o isqueiro. Acendeu novamente o fósforo e, com ele, o isqueiro: tinha gás. Maldita pedra!

O telefone tocou, um susto sem cabimento, o cigarro caindo dos lábios sobre a página do livro e escorregando para o seu colo, tapas para apagar a brasa que se enroscara numa dobra da perna da calça.

Foi assim, dando tapinhas na perna da calça, que atendeu o telefone.

“Mauro? É o Jarbas. Uma notícia horrível, Sheila morreu, Mauro, ela e mãe, um incêndio na casa, coisa horrível, Mauro...”

Erazê Martinho

Canto chorado

Boas Festas, prezadíssimo leitor! Muito Boas Festas!

Prazam os fados que neste 76 o teu tutú aguento o imposto e a taxa d'água.

Ainda que não me tenhas perguntado, hei de por bem dizer-te que o meu credo é fazer as coisas bastante explicadlinhas.

Dai a obrigação que ora me imponho, de corrigir aquele informe que te del n' outro dia, segundo o qual o Turismo ia converter esta terra num risonho bulevar.

É papo furado. Não vai mais. Nosso prefeito avocou essa tarefa com preconceitos muito mais alvissareiros.

— “Vai transformar Jundiá num presépio vivo de Natal!”

Gastou muitos milhões para alardear essa boa nova. Allás, justiça seja-lhe feita, já vem executando esse prodígio há perto de tres anos.

Vamos viver emoldurados num presépio tão chelo de encantamentos e alacridade, que o mais céptico dos forasteiros terá que ceder à perplexidade num êxtase de homenagem ao genio criativo do seu carismático e deslumbrado artífice — o nosso prefeito!

Até certo ponto, igual aos outros presépios. Dai para o mais, entra como corolário dessa façanha agigantada a fertilidade imaginativa do “primus inter pares”, isto é, do nosso prefeito.

Posto que, embora, sem dados suficientes para descreve-lo no todo, já que não está inteiramente acabado, posso dar aos leitores uma idéla pálida do que será o monumental presépio que vem sendo ruidosamente montado — pelo nosso prefeito!

— Na **Manjedoura** estão displicentemente deitados sobre púrpuras douradas, o “senhor menino” e seu secretariado, todos vestidos de anjo, ao balouço de prolongadas digestões do Balaio e do Haiti. Completando a cena, bem amarradinhos, a vaca e o burro. A vaca é Petronilha, ostentando suas tetas exuberantes e inchadas, onde, vorazes, se dependuram para mais de 200 “chupetas”, entre quatro e dez milhões por trintena.

O burro é um anônimo colhido no selo dos contribuintes. Chama-se “Jundlado”, nome que lhe deram por estar despelado e faminto.

A **Adoração**, na concepção moderna do presépio, não será feita pelo “Reis mago”, porque também se esbalda à tripa forra no farelo da “**Manjedoura**”. Fazem-na os “miningildos” da colenda — indefectíveis cereneus que daqui há um ano levarão a Cruz até o calvario para que o gajo morra nela. Não trazem mirra nem ouro, mas trazem muito insenso e suzerania. Em contrapartida, o “senhor-menino” repetirá o “milagre” da multiplicação do wiski e das lentilhas com que os cujos se darão por comprados e satisfeitos.

A **Estrela da Anunciação** está configurada numa rapina que crocita sobre a vaca e que se chama Gutierrez. Não há pastores tocando flautas, mas há “carneiros”. Muitos “carneiros”. Segundo o IRGE, mais de 200 mil.

Os áridos caminhos do deserto estão representados pelo Corrego do Mato.

Outrossim, não terá luminúras artificiais, isso porque, ao “prenuncio da tempestade” os fogos de santelmo estarão furando as nuvens negras da insolvência, deixando o presépio todo “iluminado”.

Num côxo à parte, como figurantes embuçados, vê-se jornalistas mercenários, agenciadores de box, de futebol, de carnaval e outros “cavalheiros” que ordenham a vaca pelo controle remoto.

O resto dos figurantes ser-te-ão contados tão logo o Banco comece a arrecadar os juros dos empréstimos.

Boas Festas, leitor! Prazam os fados, que neste 76, o teu tutú aguento o importo e a taxa d'água.

Seu prefeito anda dizendo
Que vamos todos morar
Num presépio de Natal

Seu prefeito só não disse
Como vai o povo fazer
Sem dinheiro p'ra comer

P'ra os que estão na “manjedoura”,
As comidas, pelo que vi
Vem do Balaio e do Haiti

Mas, p'ros que gemem no imposto
O gosto dessa quimera
O cujo diz que... já era

Simão



**TIPOGRAFIA
JUNDIÁ**

**IMPRESSOS
EM GERAL**

Rua Cel. Leme da Fonseca,
210 — Fone: 6-3099

PAÑSERVIÇOS

Composições Linotipográficas

Encadernação — Desenhos
Rua Marechal Deodoro da
Fonseca, 565

EXPEDIENTE — JORNAL DE 2ª FEIRA

Propriedade da **Editora Japi Ltda.**
Rua Senador Fonseca, 1.044 — Fone: 4-2759
Redator-Chefe: **Celso Francisco de Paula**

Capa e ilustrações: **Décio Denardi**

Oficinas Impressoras: “**Cruzeiro do Sul**”
R. de São Bento, 245 — Sorocaba

Assinaturas
Semestral — Cr\$ 70,00 e Anual — Cr\$ 120,00

Ano Novo, mãos à obra!

Estamos iniciando um ano novo. Muito justa a preocupação dos políticos neste promissor 1976. Estamos certos de que é promissor contra muitos pessimistas que só vêm crise, crise econômica, política ou social. Nada disso. Vamos ser otimistas e confiar nos homens que dirigem a Nação.

Embora o próprio governo se coloque em posição de defesa, demonstrando precaução pelo que puder acontecer neste ano nos vários campos de atividades, todos nós deveremos cerrar fileiras para que tudo seja enfrentado com otimismo.

Quanto ao ano político que iremos viver, está claro que ficaremos de prontidão e apreciando o que for acontecendo nas fileiras municipais.

A lei eleitoral não permite a propaganda de candidatos antes de que seus nomes sejam homologados em convenção municipal. A medida foi

sábia porque pretendeu colocar barreiras contra o poder econômico, considerando que os políticos com maior capacidade financeira iniciavam suas campanhas muito na frente dos outros e com isso chegavam a ser imbatíveis.

E a vantagem de quem sai na frente é verdadeira, tendo-se em vista que nesta altura dos acontecimentos, qualquer campanha tem custo muito elevado.

Mas como toda questão tem dois lados essa medida que visa um bem, para proporcionar a todos as mesmas possibilidades, também acarreta um mal. Sendo as convenções partidárias para o mês de agosto, os candidatos aprovados terão somente alguns meses para se dirigirem ao eleitorado. Na verdade o tempo é curtíssimo e não dará nem ao menos para percorrer os redutos necessários.

Dai o lado mau da questão. Os candidatos novos ainda desconhecidos da população não terão tempo para criar

uma imagem ou transmitir suas mensagens. Pensamos que nem tanto ao mar nem tanto à terra. O prazo deveria ser um pouco maior.

Acrescente-se a isso, as vantagens enormes que os candidatos detentores de cargos públicos levam sobre os demais. Ficam trabalhando o eleitorado todo o tempo. E tudo que gera injustiças não pode estar certo.

Embora a lei exija dos que se candidatam que se afastem de cargos de direção, esse prazo também é curto e quando o afastamento se der, já estão treinados suficientemente e com fôlegos desigual para a corrida.

A lei sempre é feita com as melhores das intenções e a eleitoral teve em mira eliminar o poder econômico. Na realidade, porém, não conseguiu e o inverso é que se dá.

Os que detem o poder nas mãos, além de tudo ainda usam recursos que não o seu.

Para superar tantos e tais inconvenientes os candidatos que lutarem por alguma chance, não têm outra alternativa senão fraudar a lei.

São obrigados a iniciar seus trabalhos junto ao eleitorado mesmo antes das convenções municipais. Naturalmente se dão àquele esforço total de relacionamento quase reservado, com muito cuidado para evitarem tropeços de ordem legal. Mas tem que ser assim, pois, de outro modo seria entrar numa luta sem sentido algum.

Numa luta eleitoral, quando participam candidatos de elevado poder econômico ou com os favores da máquina administrativa, para os demais restarão poucas possibilidades e uma delas é partir quanto antes, procurando sensibilizar o eleitorado.

Por isso aqui fica nossa recomendação. Os que quiserem e contarem com apoio partidário, **mexam-se.**

Virgílio Torricelli

Bons anos!

Ano Novo! Ano Bom! Será?

Não se pronunciaram, ainda, quanto a ele, as pitonizas.

Não obstante, os carinhosos anhelos que todos fazemos ao seu ridente alvorecer, induzem-nos, entretanto, a acreditar que o seja.

Renovamos, com ele, todas as nossas esperanças de futuro. Entregamos, confiantes, ao seu poder miraculoso os nossos destinos.

Ano Novo! Ano Bom!

Porvir de vibrações alacres trazidas pelo rosicler de uma aurora resplandecente.

Preâmbulo de boas promessas; de balanços ao passado; de indagações ao que poderá vir; de cálculos fagueiros; ensejo para as mais seguras diretrizes da vida.

Ano Novo! Ano Bom!

Agruras que adormecem. Energias que despertam. Esperanças que reflorescem.

Inundada de um jubilo desconhecido, a alma sente-se enlevada pelos encantos da natureza extasiante e alvissareira.

Abatidos, ainda ontem, pelo malograr incessante dos nossos projetos de felicidade e ventura, voltamos, hoje, alegremente, a tenta-los com o espírito encorajado por uma certeza oculta de conseguí-los em tempo não remoto.

Essa certeza, essa coragem, esse estímulo para que nenhum fator correlativo veio preponderar, estão apenas no aspecto promissor com que acariciamos, num sonho aureo, o começo de cada ano novo.

E, se é certo que neste justo anseio, em que revigoramos com estranho impulso as energias, muito existe de tradição a alimentar o ardor dos nossos melhores e mais legítimos desejos, está também fóra de dúvida que o ano que aí vem se nos apresenta, de fato, sob os auspícios mais risonhos, incitando as ambições confessáveis e animando os mais audaciosos empreendimentos.

É a Nação forte e tranquila, é o Estado em plena fase de prosperidades, é o Município a se desenvolver vertiginosamente mercê do trabalho e obstinação de sua gente, tudo nos inspirando a mais confortante confiança no êxito da nossa atividade e no produto dos nossos esforços.

É nesse ambiente chelo de vida e mensageiro de atividades fecundas que alentamos as nossas mais fantasiosas esperanças.

É junto aos sentimentos ideais com que nos deixamos empolgar, amenizando o esforço que tenhamos que fazer para a conquista dos objetivos a que nos propuzemos a nós mesmos, esperamos em que o novo ano nos traga nas asas de seus presságios e sortilégios, a felicidade e a prosperidade que almejamos.

Serão incentivos naturais de perseverança e redobramento de energias a afastar o desânimo ao possível malogro das primeiras tentativas.

Ano Novo! Ano Bom!

Praza Deus que a luminosidade do sol do teu despontar irradie sempre para todos numa aureola de felicidades.

Aos amigos, assinantes, anunciantes e ao povo em geral os nossos melhores votos de Boas Festas e Feliz Ano Novo.

Carlos Velga

Um presépio "sui generis"...

Os jornais da cidade vem de publicar duas "Mensagens de Natal" dirigidas ao povo pelo prefeito Ibis Cruz.

Usando a expressão da rua, devem ter custado uma "nota violenta", de vez que as publicações mandadas fazer à custa da Prefeitura acarretam, via de regra, mais uns achegos no respectivo faturamento.

Constata-se pois, mais uma vez, que o sr. prefeito vem gastando caudais de dinheiro público para vozear sandices tais como: — "Um novo rio está chegando a esta cidade"; "Vamos ter condições necessárias para enfrentar o desafio do próximo século"; "Processo que explode de minuto a minuto"; "200 milhas submarinas" e uma porção de outras invenções mais ou menos desse jaez.

Não nos é dado atinar com quem esteja assessorando o sr. prefeito nesse xurrilho de patacoadas. O assessor de imprensa que acaba de ser destituído do cargo não teria capacidade para o fazer; o solerte secretariado se mantém qual Inês posta em sossego, com medo de montar cavalo bravo; aquele loquaz "tangará", mefluo de todas as

situações dizem não andar às boas com os confrades "reais".

Quem, pois, estará ajudando o sr. prefeito a ridicularizar-se ante a opinião pública através desse palavreado pífilo e provocador da galhofa popular? Ou será a resultante de suas próprias limitações?

Atentemos, por despauter-lo, a esta arenga que, à guisa de "Mensagem de Natal", o sr. prefeito fez publicar nos jornais, tendo para isso desperdiçado muitos milhares de cruzelros que os contribuintes vão ter que pagar a duras penas:

— "O Natal se aproxima. Faça uma reunião com seus parentes e amigos, fale sobre o assunto e faça reviver o verdadeiro espírito natalino" — (Conselheiro Acácio).

— "Esta data encerra dentro de si uma mensagem cristã e de vivência em uma comunidade. Faça do mês do Natal um exemplo de paz, amor e felicidade entre os homens. Tudo isso é mais importante que uma troca de presentes" — (Falou e disse).

E como se não bastasse a hipérbole de algarvias que o leitor acaba de apreciar, vem ainda, como contrapeso, um jargão que, se não nos

entristecesse pelo ridículo que traz no bojo seria um bom prato para pladas de "esculacho". El-lo:

— "Vamos transformar Jundiaí num presépio de Natal" (!)

O município devendo os olhos da cara para custear o famigerado Corrego do Mato; a plethora de "chupetas" funambulando a sinecúra municipal; os rios fedorentos poluindo o páo e o leite das crianças nos balros e subúrbios; inundações nas zonas ribeirinhas; ruas e calçadas esburacadas; toda a periferia carente de infra-estrutura — eis o retrato atual de Jundiaí aos olhos de todos nós.

Vejamos a realidade através do noticiário:

— "NO JARDIM DO LAGO A FALTA D'ÁGUA

— Com a lata cheia de água na cabeça, Marla de Fátima, (retratada), sobe um morro de mais de 100 metros várias vezes por dia para ajudar a abastecer sua casa. Isso porque o DAE há mais de um mês não aparece no seu balro para encher os reservatórios dos moradores. Sem água limpa e com muitas dificuldades todas as famílias da redondezas passam por muitas dificuldades". — DEZENAS DE

FAMÍLIAS ESTÃO SEM ÁGUA HÁ MAIS DE UM MES — Dezenas de famílias com muitas crianças olham para o céu todos os dias há já algum tempo para ver a possibilidade de chuva. É a única fonte de água limpa com que contam. Todos moram na parte alta do Jardim do Lago. Etc. etc. — REDE DE ESGOTO GERA PROTESTO — A rede de esgoto da rua Francisco Perreira de Castro volta a apresentar problemas para as famílias pois está estourada e em exalando mau cheiro que a todos aborrece ao ponto de continuarem reiterando as suas queixas". Etc. etc..

E a despeito de tudo o sr., prefeito gasta milhões do erário municipal para babosear. Para dizer que "vai transformar a cidade em um presépio de Natal".

Isso nos induz a pensar que o alcalde não está no gozo de suas facilidades mentais. Está "détraqué" e essa insânia vai levando o município à insolvência e o povo a situações embaraçosas face aos sucessivos aumentos do imposto e das taxas.

Elcio Vargas

ZONA FRANCA

O leitor escreve, comenta e opina

As calçadas da Buracolândia

Sr. Venho por meio desta, levar a V.S., os meus mais profundos votos de congratulações pela brilhante iniciativa de V. Jornal. Aproveito a presente para expor a V.S., os meus pareceres a respeito da nossa terra "querida Jundiá", que agora tem o seu "progresso" impulsionado em alta velocidade.

Não obstante estarmos nós na era da "grande velocidade", as ruas da Buracolândia continuam da mesma maneira como estavam na época da "baixa velocidade"; somente há alguns novos ornamentos em baixo relevo nas mesmas para diferenciá-las da época de sua construção. Algumas, porém, foram cobertas com uma negra casca de ovo, de elevado preço pela sua qualidade (baixíssima).

Ao meu ver, não apenas as ruas deveriam merecer a atenção da administração e do prefeito (que a esta hora deve estar rodando tranqüilo no Landau negro com ar condicionado da nossa Prefeitura Municipal), mas também as calçadas merecem ser fiscalizadas, como acontece em outras cidades, onde a administração obriga que

sejam construídas homogêneas e no mesmo nível.

Isso, porém, não ocorre na Buracolândia, onde cada um faz a sua calçada como bem entende. Assim, as nossas se apresentam umas diferentes das outras, tanto na decoração como em nível: algumas são de cimento, outras de cacos de cerâmicos, outras de pisos e outras ainda adornadas com desenhos feitos com pedras de basalto (sem contar as ruas que não têm calçadas).

Exemplo dessa desorganização temos bem diante da nossa Matriz, no centro comercial da Buracolândia: a rua Barão de Jundiá. Nesta, temos a decoração colonial de nossa cidade (solar); defronte a este, a calçada é composta de pedras de basalto rosa e negro, alternando as duas cores em ondas. Já defronte às Casas Pernambucanas, temos umas belas bolas amarelas sobre fundo preto; o vizinho prédio da Drogasil foi mais original: sua calçada apresenta bolas negras sobre fundo na cor amarela; a Maison D'or, por sua vez, segue os mesmos motivos artísticos da praça Governador Pedro de

Toledo, que consiste em bolas brancas sobre fundo negro; porém, nada como ser mais original, e as Casas Buri ornamentaram seu passeio com o referido motivo invertido, ou seja, bolas negras sobre fundo branco.

Algumas calçadas (a maioria) aderiram aos baixo relevos que constituem a principal decoração de nossas ruas. Outras ainda, podem se dar ao luxo de possuir as conhecidas aflorações de água que tanto refrescam as nossas velhas ruas. Quem sabe isso um dia seja chamado de "Fontes Naturais" (neste dia teremos em Jundiá um exemplo ao vivo dos Grandes Lagos do Canadá).

Tudo isso, porém, são algumas pequenas falhas, dentre as grandes de nossa administração.

Por fim, como mensagem de Natal (por falar nisso, V.S. já teve a oportunidade de ver a magnífica decoração de Natal que Jundiá apresentou neste ano?) desejei a Jundiá, que Papai Noel lhe desse de presente uma nova administração (com Prefeito e tudo) para que ela possa gular mais devidamente a "alta velocidade" do nosso progresso.

R.C.Z.

Uma esmola, pelo amor de Deus!

"Sê um pai para os pobres; cada suspiro que a tua dureza lhes arrancar, aumentará o número de maldições que cairão sobre tua cabeça!"

Houve tempos em que dar esmola constituía um prazer para os que dispunham de meios e contavam com um coração bem formado. Hoje, porém, com a mendicância explorada como um meio fácil e rendoso de sobrevivência, sem emprego de capital e trabalho, roubando às casas de famílias a imprescindível serviço doméstica, já não é tão fácil ir em auxílio de um pedinte, pois nos faltam recursos para sabermos se tal prática irá alimentar ou não vícios ou contribuir no sentido de sustentação de elementos avessos, cujo maior pesadelo é dar-se ao trabalho.

Empreendimentos, os mais diversos, de caridade e beneficência, são praticados e muitos deles se tornam válidos apenas pelo caráter intencional. Estes, se nos propuzermos a medi-los em sua largura e profundidade chegaremos irremediavelmente à triste conclusão de que apenas se prestam para firmar um estado passível de se tornar estagiário.

Foge-nos a estas considerações as sociedades de auxílio e recolhimento que visam e praticam o atendimento a necessitados. A estas, sim, deve-se hipotecar a mais irrestrita solidariedade, a maior das atenções e a mais profunda colaboração.

Também não nos ocupamos dos casos em que o auxílio é reclamado com justas razões e absoluta necessidade, apenas nos atendo a COMO, QUANDO e PORQUE devam tais empreendimentos serem processados.

Nem sempre CARIDADE E BENEFICÊNCIA chegam a completarem-se, por força de um erro de procedência, onde a roupagem apenas caracteriza o ato caritativo e

benéfico. Uma ajuda temporária poderá cumprir uma missão impropelável, mas também poderá constituir uma razão eficiente, porém paliativa, atrelando o beneficiado ao carro do desespero quando se fizer ausente a ação assistencial.

Outros fatos que envolvem a nossa atenção estão retratados nos benefícios que procedem de pensamentos versados em compaixão e comisseração, colocando o necessitado em estado de inferioridade. Tais pensamentos, longe de proporcionarem qualquer benefício, apenas se prestam para mais enfraquecer o já abalado estado desesperador do necessitado, não lhe dando ensejo para o levantamento moral, tão carente de apóio e da confiança que deve reinar em si mesmo. Essa forma de auxílio deixa de ser uma espontânea e simples manifestação do espírito de fraternidade que deve presidir as relações entre os povos, pela manifesta diferenciação que resulta do benfeitor para o beneficiado, cujo resultado traz patente a objetiva humilhação para aquele que recebe. A verdadeira beneficência se faz espontânea, sem alardes nem ostentações, quando reclamada e com bons motivos.

Como a raiz sempre foi a causa primeira, é preciso que se elimine a causa para cessar o efeito e isto nunca foi feito através de paliativos, mas sim ativa e eficazmente. Se o caso nos é oferecido sob o aspecto verdadeiro de ajuda de ordem material, é imprescindível que se adicione a ele o preparo espiritual e moral, envolvido de pensamentos positivos, que propiciem o levantamento do estado de ânimo do paciente, restituindo-lhe ou

despertando-lhe a fé em si mesmo, tão necessária para arrear os tropeços que pontilham o seu caminhar, com o efeito das palavras taumaturgicas: "LEVANTA-TE E CAMINHA!"

"Ajudar alguém a caminhar com os próprios pés é bem melhor e mais humano do que oferecer-lhe um par de muletas", proporcionando-lhe maíores para a sua própria defesa, sem aviltamentos nem sujeições.

É dever de cada um, que envolve a todos, estabelecer o verdadeiro laço de fraternidade simbolizada pela mística cadeia de união, tendo em seu élos a firme convicção dos povos espalhados por toda a face da terra e em particular aqueles que primam pela mais profunda afinidade moral e espiritual.

Ao encerrarmos estas nossas considerações deixamos aqui nosso propósito de não afastar as pessoas, mesmo sob qualquer pretexto, dos seus deveres para com o próximo. Apenas pretendemos, com os melhores propósitos, alertar para a prática e exercício da beneficência. Voltamos a repetir que não somos donos da razão, mas ainda encontramos motivos para afirmar que a fuga às ostentações de quem dá, para que se elimine as humilhações de quem recebe, ainda constitui o caminho mais curto e mais humano para aqueles que dão com o coração aberto.

"ESCUTA SEMPRE A VOZ DE TUA CONSCIÊNCIA; NELA ESTÁ O TEU SOSSEGO OU A TUA PENITÊNCIA".

Ulysses Jorge Martinho

Obrigado!

Agradecemos e retribuimos os votos de boas festas a:

Associação dos Corretores de Imó-

veis de Jundiá, Clube dos Lojistas de Jundiá, Cruzada da Mocidade Católica, Luiz Silva Rocha Rafael,

Escola Senai de Jundiá, Habitacional, Contato, Recreio Lar-Imóveis e Administração.



Não cobramos nenhuma taxa dos candidatos

Mantemos sigilo absoluto

Vagas para os seguintes Departamentos:

SECRETARIAL ADMINISTRATIVO

VENDAS E MARKETING

TÉCNICO INDUSTRIAL

Horário: das 8:00 às 18:00 h

Sábados: das 8:00 às 12:00 h

Não fechamos para almoço

Rua Engenheiro Monlevade, 682 - Fone: 6-5987

JUNDIAÍ — ESTADO DE SÃO PAULO



R. BANDEIRANTES 157 - FONE: 6-8456

AGORA VOCE JA' TEM ONDE IR
ZETISERVE

A LANCHONETE SOFISTICADA DA CIDADE
O LUGAR QUE ESTAVA FALTANDO EM JUNDIAÍ
LA' VOCE VAI PODER SABOREAR O LEGITIMO
FRANGO FRITO SERVIDO PELO
PROCESSO CHICKEN-IN

avenida antonio segre, 504

boutique

Bymboka

rosário 455

fone 4 2833

JUNDI HOBBIES

BRINQUEDOS
PEÇAS E DECORAÇÃO
TUDO PARA
PINTURA
E DESENHO

rosário. 660

fone. 4 3187

O bate-pé

Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.
A vida inteira que podia ter sido e que não foi,

Tosse, tosse, tosse,
Mandou chamar o médico.

— Diga trinta e tres
— Trinta e tres, trinta e tres, trinta e tres.
— Respire.

— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.

— Então, doutor, não é possível tentar o pneumotorax?

— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

(“Pneumotorax” de Manoel Bandeira).

Nem tudo era trabalhadeira naqueles cafundós de sertão; havia também algum divertimento. E o divertimento era feito sempre com motivação em algum santo. Dia santo era pretexto prá festanças. Um dia santo de guarda era aquela encupridação que não tinha fim. Assim, no Natal, tinha a festa do Advento; depois vinha a Oitava do Natal até 31, dia de São Silvestre. Toda noite terço cantado, mesmo que fosse em casa. Cantávamos “Noite Silenciosa” e “Divina Luz”, com as vozes divididas; fulano, fulano e fulano “fais” a primeira voz, sicrano e sicrano “fais” a segunda, e beltrano, quando dá, “fais” a terceira. Cantoria da boa. Em casa ou na igreja, cantoria que dava gosto. Conteí que no dia de Sant’Ana tinha congada? Acho que conteí. Nho Belardo era o mestre de congada. Conversei um pouco com ele, fará uns tres anos. Já velho, desgarrou a lembrar as músicas da congada, a voz rouca escapando pelos cavacos de dentes. De uns dois dedos de prosa só mes restou esta frase desanimada:
— Quá o quê, num lembro mais nada, trapaio tudo... Minhas estórias estão assim também: “Tudo trapaio”.

O Natal — como eu tava contando, “suspichava” pelas oitavas, atravessava o tempo de Circuncisão e ia até Reis, dia 6 de janeiro. No

sítio de nho Belardo, de nho Bento e de nho Dito Carreiro era tempo de ensaio. Nho Belardo ensaiava a Chegança, pro dia de reis. Nho Bento ensaiava a catira ou cateretê. E nho Dito, violeiro bom, ensaiava com seus comparsas, a cana-verde, as modinhas e os desafios.

Gostosura mesmo era o ensaio de nho Belardo, o mestre da congada. Danças difíceis, instrumental da banda, povo de tudo jeito, e o silêncio nas demonstrações e ensinamentos do mestre. Por que não era fácil. Tinha o passo, o contra-passo; tinha o compasso e o contra-compasso. Tinham os volteiros, os arredondados, o repincado e os floreios, tudo pra aprender ou recordar, ensaio duro, inda ouço a voz do mestre.

Ocê, ocê ocê... (la apontando e escolhendo) passe pr’esta banda. Era aquele movimento, murmúrio, gente que não tinha entendido...

— Eu tamem?

— Ocê tamem, num escuitô? — Oceis vão entrá de premera, vão fazê só o passo. Ocê, ocê, fulano, sicrano... (la apartando mais gente, todos conhecidos) oceis vão entrá de segunda na contra-passo.

Passo e contra-passo eram as bases do bate-pé. Terreiro enorme, molhado de quando em quando pelos “chuveiros”, moleques de regador nas mãos “mode



num levantá muita poêra”.

Se deixasse só o pessoal do passo e contra-passo, o bate pé ia amliando e “cabava trapaiando tudo”. Então tinha que ter a turma do compasso e do contra-compasso. Eram os músicos, muito instrumento de percussão, bumbos, caixas, surdos pandeiros e os da melodia. Era uma dança processional, com volteios e arredondados, gingados difíceis sem perder o passo, mais difícil ainda se o passo fosse repincado.

E no bate-pé sem perdê o gingado. Pé diante, pé atrais, que nem carregá lata dagua, sem perdê q trilha... Gritava o mestre. E gingava. E demonstrava. E resmungava a cadência pros compassos — bumba, zabumba, bumba zabumba — sem perder o gingado.

Essa gente tinha o compasso preso no coração.

Lembro do Tiziu — sací, negrinho-irmão criado como filho, e qu’era bom tirador de leite. Pois não é que o tal tirava leite no compasso? — Chóóó, chóóó, chóóó...

E ia cabeceando junto co’a tirada, no balanço certo. Pois ele inventou um contra-passo lá dele, difícil como o diacho, desaprovado pelo mestre.

— Tiziu e semonstradero.

Num gosto. Num contribóe cos otro...

Todo mundo lavado de suor, toitiço brilhando, camisa colada no corpo, lá vinha o intervalo. Bebeção de água, um gole de pinga, as risadas, os comentários e os namoricos.

Em dias alternados era o ensaio dos cantores “os trovadô”, todos homens.

Ensaio difícil de um eterno repetir.

Nos ensaios ninguém vinha “fardado”, todo mundo à paisana. Mas no dia mesmo da chegada, carecia que cada qual envergasse o seu uniforme de marinheiro, capitão, marujo, piloto, sei lá mais o que — para o brilho completo das danças. Roupas de marinheiro era roupa branca com tiras de papel crepon azul, alfinetadas nas golas, e um gorro na cabeça. E as âncoras de latão. E o navio, feito a duras penas, em cima de duas charretes. No “navio” lá de um tudo, enfeite até de cacho de banana.

Coisa superior mesmo eram os ensaios. No fim do ensaio formavam rodas de gente, um homem e uma mulher alternados, mão dadas, e um “cavaleiro” solto no meio. Dançava um pouco no bate-pé e então tirava uma dama, em geral

uma moça do gosfo, naquele ponto de namora não-na mora. Dançavam os dois no centro, o moço enredado na moça, a moça enredando o moço. Era o cumbebe. Todo mundo louco pra dançar o cumbebe, oportunidade de dizer pra uma moça, sem precisar falar nada, que gostava dela... Hoje eu diria que era uma dança sensual. Naquele tempo dizíamos “de arretá a gente”.

Uma vez, já casados, Faustão tirou Raquel. Quem conhece a estória dos dois sabe que era paixão de incêndio, fogo de morro acima. Pois Faustão ficou no passo e ela no contra-passo, certinhos, ombro direito dele no ombro direito dela, ele voltando pra lá e ela voltada pra cá, no giro do volteio, ela olhando pra riba e ele pregado nela, já viram coisa mais linda? E a mãe de Raquel, suspirosa, cara séria e olhos estrelados no brilho da “satisfação”:

— Raqué num toma jeito, éta minina!

No terreiro de nho Bento a noitada de ensaio também era boa. Só que precisava ser bom de viola e de verso.

Então o ambiente era mais calmo, gente com jeito de artista, que catira não é brincadeira. Rodas de bate-pé fileiras cada lado, a mestria comandando as evoluções, era uma espécie de quadrilha, marcada no ponteio e no verso.

No terreiro do nho Dito o ensaio pegava fogo, havia até malquerenças pra mode a provocação na viola, que de cambulhada com a cana-verde, desafios e modinhas inda apareciam os amantes do cururú, moda difícil muitas vezes tecida nas sextilhas e entretecida nas oitavas.

Tudo era festa e

tinha que acabar bem.

Na roça apareciam de vez em vez uns doutores meios esquisitos com nomes difíceis — ornitólogos, agrônomos e, imaginem, até um ictiologo aparecem mariscando na barranca do rio; só doutor de gente é que não aparecia, o tal doutor-médico — e não é de vê que apareceu um tal de sociólogo “mode estudá as dança”?

Nessa época aprendi uma palavra desgranhada, o tal de folclore, danada até prá falar. Enquanto ele olhava o ensaio da chegada fomos assuntando o tal e descobrimos coisas de espantar! Aquele bate-pé que o povinho arava pra inventar no passo e ajeitar naquele contrapasso; que as modas inventadas pelo coitado do nho Belardo; que os volteios e repincados do Tiziu; que a devoção aos Santos Reis; que todo aquele mundo de invenção do povo era de origem portuguesa festejando suas glórias dos descobrimentos...

Nho Belardo, que era homem que só sorria, nesse dia gargalhou:

— Quá quá quá, a chegada sará portuga, pode sê, mas de portugueses só tem o nome; o resto nois invetamo, é inventiva nossa.

O tal do doutor sociólogo fuçou no terreiro da catira, do cururú, misturou desafio com modinha, inventou coisas do arco da velha, origens africanas, afro-indio-brasileiras, publicou livro, escreveu artigos de pesquisa... E minha caboclada continua, através da vida, de pai para filho, no seu eterno bate-pé. O jeito é tocar um tango...

Feliz Ano Novo.

O Bartimeu

Senhoras e senhores, um feliz 76

Infalível. Isto vai acontecer em 76:

As notícias a favor sofrerão um compreensível acréscimo entre 15 e 17%, perfeitamente justificável diante do aumento do preço da matéria prima e da mão de obra. Elas serão faturadas 30 dias fora o mês. As notícias contra continuarão não sendo publicadas.

Navegar continuará sendo preciso. Difícil será achar a bussola.

Os jornais continuarão defendendo o consumidor com unhas e dentes contra todos os inescrupulosos fabricantes e negociantes que não anunciarem, nos jornais.

O Corinthians confirmará sua vocação de mulher de malandro, e continuará apanhando dia e noite, o que não impedirá os corintianos de continuarem sendo.

Nascerão muitos nomes de ruas, nas quartas-feiras à noite na Câmara Municipal de Jundiaí.

Haverá eleições e o povo elegerá alguém de em muito se arrepen-derá um ano depois.

Num jogo de beisebol entre Yankees e Gigantes da Filadélfia, pelo campeonato da Liga, a bola rebatida com violência por um pitcher de dois metros de altura irá chocar-se contra a testa do presidente Gerald Ford, convidado especial da platéia, que em seguida exclamará "Eureka!"

Em Angola, russos e americanos disputarão mais um round da **détente** a socos e pontapés.

Haverá mais decúbitos dorsais do que tresloucados gestos nas páginas policiais dos jornais. Não faltarão também cenas dantescas.

Ademir da Guia e Dudu finalmente deixarão o futebol, juntarão seus trapos e irão viver em Araraquara, onde serão felizes para sempre.

A Ferrari vencerá mais um campeonato mundial de Fórmula-1, em compensação, no Brasil, o açúcar sofrerá uma acentuada queda de prestígio popular.

Os terroristas palestinos juntar-se-ão aos terroristas molucanos e sequestrarão a Torre Eiffel.

Depois de 12 rumosas separações e reconciliações, Elizabeth Taylor e Richard Burton resolverão casar-se de novo, em Uganda. Idi Amim será o padrinho, e o presente de casamento será uma dúzia de cabeças inglesas empalhadas.

Em Portugal, será formado, finalmente, um governo de coalizão: com apoio do MFA-I e do MFA-III, governarão o PS, o PPD, o PPDC, o PPDM, o PPDIUM, o PPSP, o RPM, o FNLAP, o LTRSEPZ, e uma facção moderada da ANFLAB. Na opo-

sição, o MFA-II, o PC, o PCP, o PCPP, o PPCP, o CPPP, o PDOS, o PNAC, o NACP, três quartas partes do MPLAP, dois terços do ANFLAB e a facção mais radical da ala moderada do setor esquerdo do MLIUPA. O governo poderá passar para a oposição a qualquer momento, e vice-versa.

Na Itália, o governo proibirá todas as greves. No dia seguinte, uma greve geral proibirá o governo. Haverá então, um impasse constitucional.

Isabelita Perón fugirá da Casa Rosada por uma escada colocada na janela dos fundos, irá encontrar-se com Lopes Rega no Aeroporto de Ezeiza, e juntos fugirão para Honduras, onde montarão um parque de diversões. Em represália, os peronistas de direita chacinarão 763 peronistas de esquerda. E os peronistas de esquerda trucidarão 618 peronistas de direita.

Em memorável assembleia geral, a ONU considerará perempta a Declaração Universal dos Direitos do Homem, que será substituída por pomposas Normas Gerais de Segurança; serão reabilitadas a fogueira, o garrote, a guilhotina e a cadeira elétrica.

E vão acontecer muitas coisas mais.

Sandro Vaia

Jundiaí põe pimenta na crise do Oriente Médio

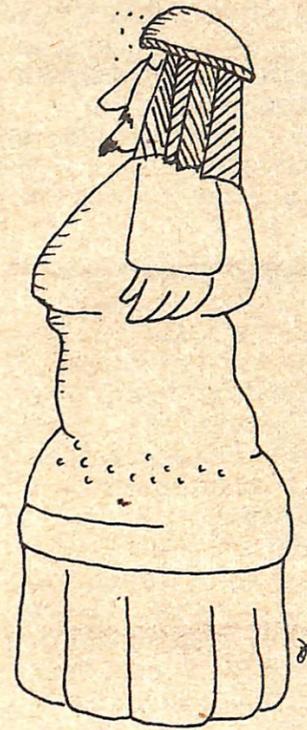
Embora grande seja a distância que nos separa do Oriente Médio, além do fato de que aqui sempre imperou uma santa harmonia entre as comunidades árabe e judia, jamais poderia passar pela idéia dos jundiaenses ver o nome de sua cidade implicado em qualquer aspecto da milenar questão que agita aquela região.

Entretanto, curiosamente, um episódio recentemente revelado pela imprensa, mostra o envolvimento do nome de Jundiaí, através de uma de suas - mais importantes e tradicionais indústrias, no centro da guerra fria que se desenvolve entre árabes e judeus.

A questão que merece o nosso registro foi levantada dias atrás pelo jornal **O Estado de S. Paulo**, em matéria assinada por seu correspondente em Israel, Mário Chimanovitch, colocando um pouco de pimenta produzida pela indústria jundiaense Cica na já bem condimentada crise. Na informação do jornalista, que ocupou quase meia página da edição do dia 28 passado, a Cica foi a única firma citada como exemplo do boicote que os árabes estariam aplicando às empresas latino-americanas que negociam com Israel, sendo mostrados diversos lances das negociações entre essa indústria e uma firma israelense de importação e exportação.

A denúncia do boicote ocorreu na 1ª quinzena de abril deste ano e foi formulada pelo **Yedioth Aharonot**, um dos mais influentes diários de Tel Aviv que, entre outras coisas, afirmou que "o Brasil, por ser uma das nações que mais requerem o aporte de capitais estrangeiros para dar continuidade ao seu vertiginoso ritmo de desenvolvimento, que é um dos mais intensos do mundo, será particularmente débil a essa classe de influências (o boicote)".

Segundo o correspondente do **Estado** a denúncia confirmar-se-ia com uma carta que a empresa Abert Ltda., que pretendia importar molho de pimenta, recebeu kogo depois da Cica,



nos seguintes termos: "Recebemos sua carta de 17 de abril do corrente e agradecemos. Infelizmente, no momento, não poderemos atendê-los, visto estarmos exportando em média US\$ 500.000,00 (quinhentos mil dólares) mensais para os países árabes, e como Vv. Ss. deve estar cientes, se os atendermos não teremos condições de negociar com os árabes. Certos de sua compreensão, subscrevemo-nos mui, atenciosamente. Dina Wrebel Bundyra — Export Division Manager".

De posse de tal carta — conta Chimanovitch — a Abert, que já importara anteriormente da Cica, reagiu, entrando imediatamente em contato com o setor comercial da embaixada brasileira em Tel Aviv, no sentido de que providências fossem tomadas junto ao Itamarati para que melhor se esclarecesse o assunto.

O resultado não tardou, como demonstra nova correspondência enviada pela Cica: "Jundiaí, 9 de setembro de 1975. Prezados senhores: serve a presente para solicitar dessa empresa nossas escusas pelos termos de nossas cartas exp. 091/75 e 198/75, de 28/4/75 e 16/7/75, respectivamente.

Referidas cartas não refletem de modo algum pensamento da diretoria de nossa empresa. Somos uma firma brasileira, tal como as autoridades de nosso país, sem preconceitos de raça, religião ou cor. Particularmente, temos as melhores relações com a sociedade israelita-brasileira, com laços de amizade a muitos de seus destacados membros. Dessa maneira, queremos informá-los que o funcionário de nosso setor de exportação que, à nossa revelia, redigiu e expediu as cartas já foi severamente advertido. Por outro lado, estamos dispostos a examinar com todo interesse qualquer solicitação de importação de produtos de nossa fabricação com que nos queiram distinguir".

Mas essa correspondência parece não ter significado muito, porque — diz ainda Chimanovitch — a Abert voltou a insistir com a encomenda e teve esta resposta: "... Sentimos informar a Vv. Ss. que em virtude do grande volume de negócios realizados pela Cica durante a feira de Anuga, em Colômbia, principalmente no que diz respeito ao molho de pimenta que vem se introduzindo muito bem no mercado europeu, ficamos completamente sem estoques do mesmo. (...) Assim sendo, no momento, não poderemos atender a sua solicitação. Não obstante, apresentamos nossos agradecimentos pelo interesse demonstrado, e tão logo se realize a próxima safra de pimenta, lhe remeteremos cotações etc."

O correspondente do **Estado**, que declarou ainda estar Israel agindo com cautela em relação ao assunto (o embaixador israelense no Brasil chegou a negar procedência ao editorial do **Yedioth Aharonot**), com evidente intenção de não criar problemas às nações com as quais aquele Estado mantém relações, termina por dizer que esse gênero de boicote é outra das armas políticas dos países árabes contra Israel, como o próprio embaixador egípcio no Brasil reconheceu ao ser indagado sobre a denúncia feita na imprensa israelense. (A.B.).

67 8 75
ANOS

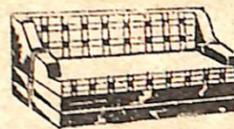


CONSTRUTORA
JUNDIAI LTDA.

r. Siqueira de Moraes n. 578
8º andar - conjunto 801 - C

TAPEÇARIA
BRASIL

ESPECIALIDADE
EM TAPEÇARIA DE
AUTOS E MOVEIS



rua dr torres neves n: 224
FONE: 6-5977

ANO NOVO
COLORIDO
SILVATEX

BARÃO, 919
TELEFONE
67178

Opala 71

4 cilindros - 4 portas - 4
marchas - único dono c/
53 mil kms. originais.

Iamaha 74

C/ 30 mil kms. único
dono - licenciada - 100
cilindradas.

Esplanada 67

16 mil km. Rua Senador
Fonseca, 909 - W. Maz-
zuia - tel. 4.2642.

PIZZA
KIBES
LANCHES
DOCES SIRIOS

Pratos Arabes

Aberto até às 4:00 hs.
da manhã

IBE
ADI

rosário 239 - 4-2669

PROJETOS RESIDENCIAIS
CONSTRUÇÕES-REFORMAS
SERVIÇOS RAPIDOS E SEGUROS



HIDROTECNICA
projetos e execuções

rua marechal deodoro - 303
(ao lado da Secretaria de Obras)

A SENZALA
Rua Barão de Jundiaí, 932
Fone: 4-0697

DOCES CASEIROS

ENCOMENDAS
PARA FESTAS

Embora residindo já há dez anos nesta cidade e com 25 anos completos, o pintor **Prudêncio da Silva** só veio inscrever-se como eleitor em 1975 e acha que o Mdb é que está com maior chance de vencer a primeira eleição de que vai participar.

Não tem em vista, por ora, nenhum candidato: "Para decidir a quem vou dar meu voto, preciso antes conhecer os que irão disputar; e até agora não sei quem serão eles". Mas crê na possibilidade de vir a ser vitorioso aquele que tiver o apoio do prefeito atual.

Para o tintureiro **José Sebastião Teixeira** 48 anos, estabelecido na rua Dr. Torres Neves, "o Mdb vai ganhar de capote as eleições de 76". Embora não saiba ainda quem será candidato, afirma categoricamente: "Sendo do Mdb, qualquer um terá condições de ganhar". Por isso, acha também que o candidato que for apoiado pelo prefeito, "já por ser da Arena", não terá chance alguma de vencer. Relativamente à futura Câmara de Vereadores, ele acredita também que poderá ser formada por uma maioria emedebista, apesar de não vir acompanhando a atividade dos atuais vereadores e desconhecer as chances que eles tem de se reeleger.

Dona **Mariana de Lima**, 25 anos, doméstica, residente nas imediações do Horto Florestal, diz que a Arena é quem vai ganhar as próximas eleições em Jundiá. Faz, porém, uma ressalva: "Meu voto ainda não é definitivo. Vai depender muito dos candidatos que cada partido apresentar". E até agora ela desconhece qualquer nome de possível candidato. Quanto à questão de um candidato apoiado pelo prefeito ter ou não possibilidades de ser o vitorioso, ela argumenta: "Eu não entendo nada de política. Isso de votar neste ou naquele, vai ser na hora; vai depender da gente simpatizar com o candidato".

"Só voto por votar", cumpro minha obrigação. Não tenho candidatos, mas votaria em Pedro Fávaro, e se não for ele o candidato do prefeito, outro não vai ganhar".

É a opinião de **Nelson Ferreira**, comerciante, morador da Vila Arens, 46 anos, que afirma não ter simpatia por nenhum vereador, "principalmente agora que irão receber ordenado, pois só estão lá esquentando as cadeiras".

Para o lavrador **Antonio da Silva**, 36 anos, residente próximo ao Posto Centenário, a Arena está com maior chance de fazer o próximo prefeito. Se tivesse que votar hoje, Walmor seria o seu candidato. Quanto ao apoio do atual prefeito para um candidato se eleger, ele considera essencial, "porque senão o outro não se elege". E relativamente à futura composição da Câmara, afirma que não se faz necessária muita renovação, pois "os vereadores atuais parece que estão trabalhando".

Linei Coelho da Costa, de 19 anos, moradora da Vila Aparecida, chegou a Jundiá há apenas três anos e ainda não se familiarizou com a política local.

Por isso, ela diz que não sabe qual o partido mais cotado para vencer as eleições deste ano e nem tem em vista qualquer candidato. Quanto ao valor do apoio do prefeito atual, ela diz, espantada: "Como posso saber, se não conheço nem o próprio prefeito!?"

"Do jeito que estão as coisas aí, eu acho que as próximas eleições serão do Mdb. Esse é o ponto-de-vista de **Luis Arnaldo Ferreira**, 26 anos, vendedor, morador do Vianelo, que também considera necessária "uma boa renovação na Câmara Municipal". O nome que ele julga mais indicado para suceder o atual prefeito é o dr. Hamilton Proto, para quem até arranjou um "slogam": **Kojak-76**.



José Osvaldo da Costa, 22 anos, motorista, morador da Vila São Paulo, acha que qualquer partido que ganhar está bom, não tem candidato para vereador e sua opinião sobre o atual prefeito é muito particular, não querendo falar a respeito. É simpatizante da Arena.



A vendedora da Ducal, **Alair da Cunha Silva**, 22 anos, moradora do centro, pensa que a Arena tem mais força para ganhar as eleições. Não conhece os candidatos para a prefeitura. No entanto o candidato do prefeito tem muita chance, pois "tendo o prefeito ao lado dele, seu apoio é uma força capaz de ajudar bastante". Como está há pouco em Jundiá, ainda não sabe em que votará para vereador.

Com 20 anos de idade, tendo participado, até agora, somente de uma eleição, quando votou na oposição, o industrial **João Nunes**, morador da Vila Nambi, acha que o Mdb ganha de novo em 76. Como desconhece quem possam ser os futuros candidatos à Prefeitura, não possui, por enquanto, nenhuma preferência, achando, até mesmo, que aquele que for apoiado pelo atual prefeito poderá vir a ser o vencedor. Da mesma forma, não tem formada ainda nenhuma opinião a respeito da Câmara de Vereadores atual ou de sua constituição futura.

Para **Rogério Afonso de Lima Lobo**, 30 anos, morador da Vila Hortolândia, escriturário, a Arena pode ganhar, "mas em função dos candidatos que se apresentar". Pedro Fávaro teria seu voto, "porque tem capacidade e condições satisfatórias para preencher o cargo de prefeito".

O candidato do atual prefeito não terá chance de ganhar devido a uma série de atos do mesmo, como o imposto alto, influenciado a opinião de certa camada da população, que não vê as melhorias que ele tem apregoado.



O estudante **Mario Tadeu Scridelli**, 20 anos, morador da Vila São Paulo não sabe qual o partido que poderá vencer as eleições. Talvez vote em Pedro Fávaro para prefeito.

O candidato do atual prefeito talvez possa ganhar. A melhor obra que Ibis M. da Cruz fez foi a av. 9 de Julho. Seu candidato para vereador é Pedro Beagim pois está ligado ao Paulista F.C..

A jovem estudante **Maria da Graça Ferreira** tem uma opinião bem firme a respeito do partido que ganhará: "o MDB, pois é mais forte, e o povo o apoia muito mais, defende mais seus interesses. Maria da Graça tem 22 anos, reside na Ponte de São João, e diz que no momento não tem candidatos e nem sabe quais são os possíveis, no entanto acha que o candidato do prefeito tem possibilidade de ganhar, pois a "prefeitura está pondo asfalto nas ruas".

"Não tenho candidato para a Câmara, pois será a primeira vez que votarei". Suas simpatias são para o MDB.



Francisco Scriadelli, negociante, morador da Vila São Paulo, 46 anos é emedebista. "O MDB irá ganhar, porque precisa-se por outros no lugar daqueles que só tem interesse pessoal e não o interesse do povo, que só pensam em si e não no bem comum, por isso devemos dar um pouco de chance para o outro partido, embora não sejam muito diferentes. Políticos, sabe como é".

"Meu candidato tanto para vereador e se for para prefeito, será para Abdoral Luis de Alencar. O candidato do prefeito não tem como ganhar, pois Jundiá nunca teve bom prefeito. São 200 mil habitantes com ruas esburacadas. Querem ganhar outra vez aqueles que já foram? Pois não vão".

Tendo se tornado eleitor apenas em 1975, o industriário **Geraldo Nardo**, de 19 anos, morador da Ponte São João, vai estreiar o seu título em 76, confiante numa vitória da Arena, embora não tenha ainda nenhum nome para ser o seu candidato. Com relação à Câmara, acha que vai ser preciso fazer uma renovação. O apoio do prefeito para que um candidato saia vitorioso ele acha dispensável: "Acho que, para ganhar, o candidato tem que ser apoiado é pelo povo".

"A Arena ganha". Essa afirmação, feita com bastante firmeza, é de **Pedro Lopes**, que tem 42 anos, mora no centro e trabalha com refrigeração. Ele já tem, inclusive, um nome em quem pretende votar nas próximas eleições: Ary Fossen. E acha que "o Ibis tem que apoiar ele". Com relação à Câmara, acha que tem que ser renovada.



Ney Roberto A. Nogueira, morador da Vila Alvorada, 20 anos, balconista, embora sendo simpático à Arena, acha que o MDB tem muito mais chance de ganhar as eleições. Seu candidato é Pedro Fávaro, e acredita que o candidato apoiado pelo prefeito não vencerá, "a turma não está contente com ele". Seu candidato para vereador é José Rivelli.



José Silva, 46 anos, guarda, morador da Vila Arens, acha que a Arena vai ganhar. Seu candidato é Pedro Fávaro. O candidato apoiado pelo prefeito pode ganhar. "No entanto o prefeito não está fazendo nada para o povo".

Ainda não sabe em quem votar para vereador.



Maria de Lurdes Di Giovani, vai votar pela primeira vez. Acha que a Arena vai ganhar pelo que ouve os familiares comentarem. Com 18 anos, recepcionista, moradora da Colônia. Não sabe quem são os candidatos, no entanto se Wal-mor for candidato votará nele.

O candidato do prefeito não tem chance na sua opinião, "entretanto as opiniões dos jundienses são tão diversificadas que é difícil qualquer afirmação a respeito".

Quanto aos vereadores, acha todos uns ignorantes, precisando aprender a Língua Pátria e as concordâncias de plural e tempo de verbo para que possam se apresentar como representantes do povo.

Antonio Luiz Cavenaghi Argentin, 22 anos morador da Vila Arens, funcionário da DAE, acredita que o MDB pode ganhar. Não tem candidato para vereador, no entanto aquele que for candidato para prefeito do MDB terá seu voto.

O substituto do atual prefeito poderá ser alguém apoiado por ele, pois "ele fez muita coisa boa. Ele é inteligente, tirou Jundiá do estado de província em que se encontrava, e mostra ao povo que tem condições para fazer algo na cidade".

José Lazaro da Silva, morador da Ponte São João, 20 anos, balconista, não é eleitor, no entanto, acredita que o MDB vai ganhar as eleições pois a Arena não está fazendo nada. Se pudesse, votaria no Abdoral Lins de Alencar.

O candidato do prefeito tem possibilidade, pois ele está fazendo muita coisa para a cidade. É simpatizante da Arena.



"Precisamos vereadores novos, tirar os velhos e pôr tudo novo", é o que diz **Francisco Luiz Veronezi**, 66 anos, morador da Várzea Paulista, aposentado do DER.

Na sua opinião, o MDB ganhará "sou seu torcedor". A Arena está ruim, e não vai ganhar. "Se o candidato do prefeito for da Arena vai perder "na minha opinião".

O motorista **Ozete Carneiro da Silva**, morador da Agapeama, 30 anos, não sabe dizer que partido vai ganhar, como nem sabe em quem votará. O candidato do atual prefeito não ganhará as eleições pois "ele deu zebra. As ruas da minha vila estão em estado lastimável com buracos a ponto de não se poder passar com o carro em alguns lugares". Não sabe em quem votar para vereador.

"O MDB é um partido que ajuda mais o povo", é o que diz **Antonio Carlos de Oliveira Ramalho**, 21 anos morador da Vila Arens, ajustador mecânico. Seu candidato para vereador é Duílio Buzanelli e votaria em Vitória Furlan para prefeito.

O candidato do prefeito tem chance de ganhar porque "o Ibis foi um bom prefeito, e o seu candidato tem possibilidades de ganho". É simpatizante do MDB.

Ary Fossen é o nome que **Roberval Regra** aponta como "um bom candidato a prefeito" para as eleições deste ano. Com 37 anos, profissão mecânico e residindo no centro da cidade, ele vê como bastante provável uma vitória da Arena. Mas, referindo-se à Câmara, acha preciso "renovar um pouquinho".



"O MDB vai ganhar, pois voto sempre contra o Governo, assim ele melhora as coisas".

É o que diz **Luiz Gonzaga**, 25 anos, morador da Vila Rami, mecânico.

Não conhece os vereadores, porém o candidato do prefeito não ganhará, "sei não, o povo diz que não, pelas conversas dos botequins, ele vai perder".

"Pelo movimento que a cidade tem, é preciso por na Prefeitura um homem bom, com boas idéias, que seja de confiança. Acho que Jundiá merece uma melhor atenção, pela cidade que é".

Morando em Jundiá há pouco tempo e só tendo participado, aqui, de uma eleição para prefeito, quando deu seu voto ao atual chefe do Executivo — que acha que "vai indo bem" — **Luiz Zaramelo**, 30 anos, perfurador mecânico, acha que essas têm que ser as qualidades do futuro prefeito e que o "manda brasa" é quem vai ganhar em 76". Admite, contudo, uma vitória do candidato que for apoiado pelo prefeito atual, "porque o que ele não pode fazer, outro também não faria".

"Sempre uma renovação é bem melhor".

Quem diz isso é a comerciária **Tereza Ikeda**, 19 anos, moradora da Vila Hortolândia. Ela está há dois anos em Jundiá e vai votar pela primeira vez este ano, sem conhecer ainda, as possibilidades dos dois partidos ou de qualquer candidato.

Opina por uma renovação na política local, pois acha que "aquí falta tudo, não tem onde a gente ir, é uma cidade boa, talvez, para se ficar uma semana, talvez, a passeio; enquanto continuar assim, diversão é só a gente indo fora".



"A Arena vai ganhar na minha opinião, porque está do lado do Governo. Meu candidato é Pedro Fávoro para prefeito, a eleição é dele desta vez".

É a opinião de Wilson Izzo Aguiar, morador da Ponte São João, 34 anos aposentado. É simpatizante da Arena.

"O candidato do prefeito tem chance, mas precisa-se primeiro ver quem é ele". Vai votar para vereador em qualquer um "pois chega na hora prometem tudo, e depois não fazem nada".

"As calçadas estão com buracos, alguns bairros estão sem água e tem ruas sem sinalização".

Nelson de Almeida, 35 anos, operador de máquinas, morador do centro, crê que "agora é o Mdb quem deve ganhar as eleições para prefeito". Mas se fossem agora essas eleições, ele não teria quem escolher, pois ainda não sabe de nenhum. "Aquele que tiver o apoio do prefeito — afirma — terá mais uma força, se o povo aprovar o seu nome". Com relação à Câmara, Nelson acha que deve haver uma renovação.

A opinião de um aposentado da Rede Ferroviária é bem sincera quando diz que em matéria de política não entende nada, apenas cumpre sua obrigação perante as leis do país e procura não dar palpate a respeito.

Não sabe quem são os candidatos nem o de mais chances de ganhar as eleições, tanto na prefeitura como na Câmara Municipal. **Rafael Arconchel Abila**, morador da Ponte de São João, com 73 anos.

"Se as eleições fossem agora? Não, não sei em quem iria votar. Infelizmente, nada posso adiantar, porque, senão, já diria um que fosse do Mdb!" **Luiz Gianasi**, 41 anos, vigia particular, morador da Ponte São João, é quem faz essa declaração. Para ele, mesmo um candidato apoiado pelo atual prefeito, poderá vencer, "desde que seja do Mdb". Quanto à Câmara Municipal, acha que "está bom assim, está ótimo".

Morando em Jundiá há apenas dois anos (veio de Pereira Barreto) e estando ainda por transferir seu título para cá, o trabalhador **Nelson Celestino**, 48 anos, morador da Vila Hortolândia, tem convicção de que o Mdb será o partido vitorioso nas eleições municipais de 76. Para dizer se o apoio do prefeito atual será valioso ou não a um candidato que deseje disputar a Prefeitura no próximo ano, ele acha que "primeiro a gente deve conhecer, mais ou menos, quem é esse prefeito".

E ajunta: "No interior, nas cidades mais pequenas, os prefeitos que ajudam mais o povo do campo é que têm maior força. O povo do campo vai mais com os prefeitos que ajudam a vida financeira do povo, a pobreza vai toda com eles. Às vezes tem um candidato que é rico, mas ele não coopera com a pobreza, então ele fica para trás, quase sempre".

João Paulo da Silva, um estudante de 19 anos, acredita bastante numa vitória do Mdb. Disse que não votaria no candidato do atual Prefeito para seu sucessor. E explica que "pode até ser um bom administrador, mas estará com os braços amarrados pelas grandes dívidas contraídas neste mandato". Quanto aos vereadores, é da opinião que deve haver uma radical mudança, com novos valores.

Para **José Molena**, 70 anos, morador da Ponte de São João, o MDB vai ganhar. Como não pode votar, "dei baixa no meu título depois que Getulio Vargas morreu", não podendo dar minha opinião, no entanto Pedro Fávoro deveria ganhar desta vez, e se "ele for candidato todos os outros ficam a zero, sem chance nenhuma". Se pudesse votar, talvez votasse para vereador em Pedro Beagim.

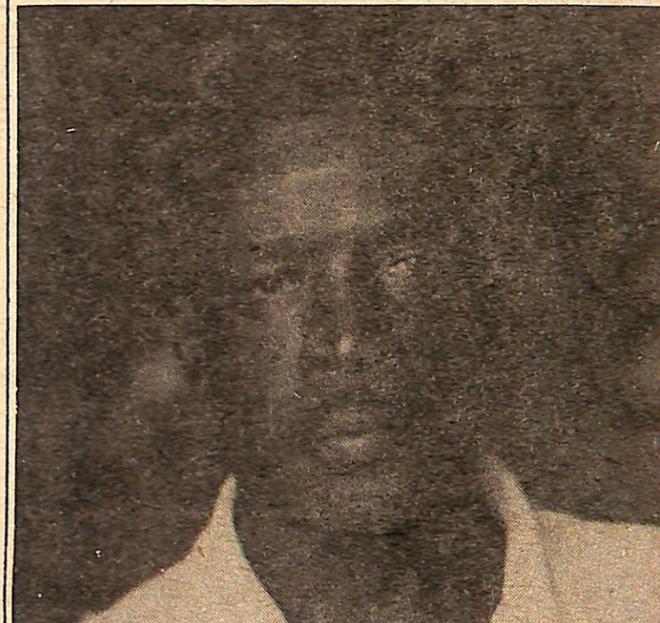
Santo Magoga, 51 anos, aposentado, morador do centro, é pela vitória da Arena nas próximas eleições. Seu candidato, se este viesse a concorrer, seria o arquiteto Vasco Venchiarutti, que ele acha que foi "um excelente prefeito nas duas vezes que foi eleito, construiu o viaduto da Torres Neves e fez muitas coisas boas para Jundiá". Para que um candidato seja vitorioso nesse próximo pleito, ele vê a indicação do prefeito como "um bom apoio". Na Câmara, "é hora de renovar".

Lupércio Raimundo, tem 23 anos, é operário e gosta de se manter longe da política, mas não tão distante que o impeça de saber o que está ocorrendo. Para ele, a vitória certa é do Mdb, independente do esforço que a Arena fizer. Residente na Agapeana há mais de 10 anos, poucas vezes teve oportunidade de ver obras realmente de vulto para a melhoria da vida no bairro. Ele é bastante radical quanto às próximas eleições, pois quer ver "alguém virar a mesa".



"O MDB vai ganhar, pois o povo quer renovar, e ele está contra o prefeito. O candidato dele não tem chances de ganhar, pois a voz do povo é a voz de Deus. Ele só faz melhoria no centro, deixando os bairros abandonados. Está asfaltando ruas com calçamento e onde não tem não faz nada. Os tributos são muito altos. A sua preocupação foi na infra-estrutura e agora faz obras para que o povo possa ver. Três anos não apoiou o carnaval e agora vai fazer um na av. 9 de Julho. Por que?"

É o que diz **Fernandes Correia Lemos Fº** advogado, 31 anos morador da Ponte São João. Como não tem partido sente à vontade em suas observações. Para prefeito por ora não tem candidato, mas votará em Abdo-ral de Alencar para vereador.



Para o pedreiro **Joaquim Vitória**, 40 anos, morador do Jardim do Lago o MDB é fraco, sendo que a Arena é mais forte e terá maior votação. Não sabe quais são os candidatos para a prefeitura, mas quem receber o apoio do atual prefeito tem bastante chance. Para vereador votará na Arena, não tendo ainda nenhum nome em vista.

O que se pode concluir

Por ter sido essa uma consulta feita diretamente com o povo, em instante algum do nosso trabalho, tivemos o propósito de fazer qualquer análise do conjunto de depoimentos tomados. As conclusões — entendemos — devem ser extraídas pelos próprios leitores, mesmo porque — como a própria pesquisa demonstrou — ainda há bastante indefinição, sobretudo pela incerteza que existe em torno dos nomes dos reais candidatos.

No entanto, visando facilitar a tarefa de apreciação geral do expressivo material recolhido da meia centena de entrevistados, não podemos deixar de expor uma síntese dessa manifestação, pois dela podemos ter já alguma idéia da inclinação

do eleitorado que irá às urnas em novembro.

Eis as nossas observações:

- Os entrevistados, que se dividem entre Arena e Mdb, revelaram que persiste a clássica tendência do eleitorado em não votar pela legenda, mas sim pelo candidato, em termos de eleições municipais;
- Metade opta pela renovação da Câmara;
- O nome mais frequentemente citado entre os prováveis candidatos foi o de Pedro Favaro, sobretudo entre as pessoas de alta faixa de idade.
- Para grande número de depoentes, o apoio do prefeito será significativo no

resultado da eleição à sua sucessão, mas foi grande também a quantidade dos que o criticaram. Os que elogiaram o chefe do Executivo, citaram, invariavelmente, como aspectos positivos de sua administração apenas o asfalto e a construção da av. Córrego do Mato.

e) Reforçando a conclusão exposta no item a, muitos acreditam na vitória de um partido, mas seu candidato preferido é da legenda oposta. Um exemplo dessa contradição: há eleitor que acha que o Mdb vai ganhar, mas declara que votaria em Wal-mor se ele voltar a sair candidato; ou acha que a Arena será vitoriosa e lembra o nome de Wolf como candidato.

Iemanjá, rainha do mar

A festa em homenagem a Iemanjá, a rainha do mar, é realizada em dezembro em São Paulo e em janeiro no Rio de Janeiro e Bahia. Sobre as religiões afro-brasileiras e em especial a essa divindade máxima, a socióloga Regina Dragiça Kalman elaborou este artigo, com fotos suas.

Folclore é a cultura do popular, tornada normativa pela tradição. A concepção do mundo é condicionada historicamente e culturalmente. Cada povo tem uma visão diferente. Nos povos primitivos existem certos mitos que são básicos na sua cultura.

Nas sociedades civilizadas, as concepções do mundo são mais complexas, assim nos povos primitivos é mais fácil de ser percebida a sua organização, formada apenas por grupos.

A concepção eclética do mundo, ou seja, mistura de tendências e orientações diferentes e, a religiosa é uma concepção ideológica do mundo. Essas explicações são pretensas a certas teorias "ingênuas" que incorporam inconscientemente como realidades científicas, mas que são pseudo-científicas, transmitidas por via oral, pelos povos que não conhecem a escrita.

O Candomblé, a Umbanda e a Macumba, são tradições afro-brasileiras, trazidas pelos escravos africanos vindos de Togo, Daomé, Lagos, barra do Níger, golfo do Benin, jejes e iorubas ou nagôs. O candomblé é muito difundido na Bahia. No Rio de Janeiro, o culto de macumba foi substituído pelo termo de Umbanda.

A Umbanda está dividida em duas principais seções — os orixás, e os alufás, ou seja, os cultos nagôs e os cultos muçulma-

nos (malês) trazidos pelos escravos.

O catolicismo, o espiritismo e o ocultismo tentaram ganhar para si os cultos populares, além disso a mistura de deuses umbandistas e santos católicos se deu devido à obrigatoriedade da religião romana aos escravos.

Por essa razão tem-se a mistura de santos católicos com os orixás da religião iorubana. Atualmente as tradições "malês" estão perdidas e as influências se dividem em "terreiros" (cultos nagôs) e "tendas" (cultos nagôs tocados pelo espiritismo).

As divindades da Umbanda, pela influência do espiritismo, dividem-se em sete linhas, sete legiões e sete ou doze falanges, no entanto podem ser resumidas em três grandes grupos:

1 — os orixás nagôs, conhecidos em todos os cultos de origem africana no Brasil;

2 — a fusão de concepções angolenses e conguesas com a concepção indígena, são os caboclos.

Os velhos escravos, os chamados "pretos velhos", são da Linha das Almas, pois não cumpriram sua missão na Terra.

IEMANJÁ

Como a maior divindade feminina do Candomblé, Umbanda e Macumba, Iemanjá recebe homenagem de todos os "filhos de santo", e assim, dia 8 de dezembro, nas praias



Uma das encarnações do "Preto Velho"



"Zé Boladeiro" incorporado em seu cavalo

paulistas, principalmente na Praia Grande, são encontrados centenas de carros de excursão, trazendo membros de várias linhas de terreiros.

Iemanjá, a mãe d'água, Rainha do Mar, Janaína, Princesa Aocá, Sereia do Mar e outras denominações, é a mãe de todos os orixás, e recebe homenagem através de complicados ritos. A cerimônia é realizada num "terreiro" improvisado na praia, delimitado com cordas, ficando apenas uma abertura em frente ao mar. Então, entre cânticos próprios de cada orixá, com seus batuques, todos os componentes participam de danças preparando-se para o transe, ou seja, a possessão do orixá do seu "cavalo". O terreiro tem um pai-de-santo ou mãe-de-santo que comanda a cerimônia e é o primeiro a "receber" o orixá, acompanhado depois pelos orixás menores. Na festa de Iemanjá, em sua homenagem são "baixadas" sete linhas, uma após outra. Podem ser por exemplo, o "caboclo", o "João Boiadeiro", o "Preto Velho", o "Índio", as "crianças", os "baianos" e a própria Iemanjá. Cada linha tem suas características próprias, cânticos e cores diferentes.

Quando vêm o "caboclo", o "João Boiadeiro" e o "Índio", todos dançam, cantam, bebem e fumam, quando "baixa" o Preto Velho, os "cavalos" em que encarnam

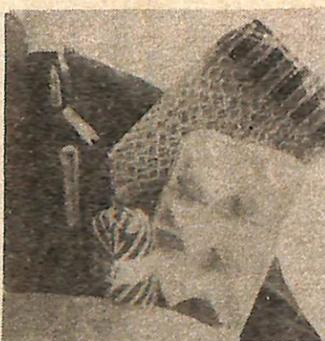
tomam a forma própria de velhos e precisam ser ajudados a sentar e levantar. Quando os médiuns são "tomados" por Iemanjá, todos choram e é preciso impedir que corram para o mar em transe. As crianças vêm em socorro do "cavalo" quando ele já está cansado das inúmeras "possessões", trazendo um pouco de descanso aos corpos cansados.

Depois dessas homenagens é feita a última e a mais importante, ou seja, a "oferenda" de flores, que é levada em um barquinho ao mar. Nesse trajeto são entoados cânticos acompanhados por todos os membros do terreiro, que levam o barco, símbolo marítimo, sobre os ombros e, após sete ondas o saltam. Se afundar, Iemanjá aceitou a oferenda, caso contrário, foi recusado. Todos se banham na água sagrada e voltam tendo cumprido seu dever.

A Umbanda tem um grande número de adeptos, com tendência a aumentar cada vez mais. A sua importância social é grande haja vista a sua grande influência nas credences populares, mesmo nos que não a têm como religião praticante. As praias são um exemplo vivo da sua manifestação, e assim durante o ano todo, mas principalmente dia 8 de dezembro e 2 de janeiro, encontram-se flores, garrafas, velas e outras homenagens oferecidas à Rainha do Mar.

Leia
e
assine
o
Jornal
de 2ª

SUPERMERCADO ELIAS

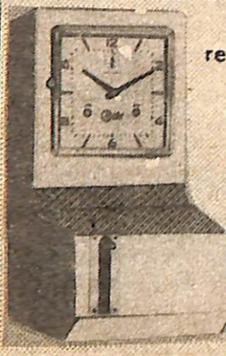


ONDE
OS
PREÇOS
SÃO
SEMPRE
OFERTAS

R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PROPRIO

RELOGIOS DE PONTO

ROD-BEL



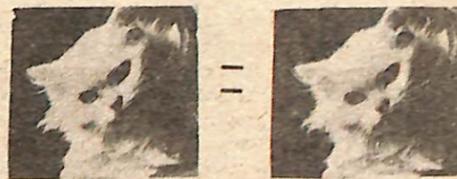
revendedor autorizado
em Jundiá:

COMERCIAL

PANIZZA
LTDA.

BARÃO-427
FONE: 6-8231

FOTOCOPIADORA MÁLTONI



nós temos o melhor serviço
de xerox da cidade.

rosário, 618 - tone: 6-8460

Finalmente, a 2 de abril de 1921, transpôs o Paulista F.C. o seu último obstáculo, que era o tradicional e voluntarioso Comercial F.C., de Ribeirão Preto. Este encontro terminou empatado por 1 gol e com esse resultado o soberbo título de campeão ficou para Jundiaí, pelo terceiro ano consecutivo, e pela segunda vez com o Paulista, pois, sendo critério adotado o de pontos ganhos, tinha o tricolor 7 pontos (das vitórias sobre o Taubaté, XV de Novembro e Rio Branco e empate com o Comercial), enquanto que o Comercial tinha apenas 6 pontos, isto porque vencera o XV e o Rio Branco mas empatara com o Taubaté e com o Paulista.

Esta última partida foi de enorme emoção, pois o gol que deu o empate para o Paulista — e que lhe valeu o título — foi feito por Batata justamente no último minuto de jogo.



Paulista F.C.

50 anos de glórias

(13ª Parte)

Com o título de Campeão do Interior, mais uma vez o Paulista ficou creditado para a disputa da Taça Competência, com o Campeão da Capital. E este, mais uma vez, era o C.A. Paulistano. Nesse jogo o Paulista foi vencido por 6 a 3, mas assim mesmo deixou indelével a sua grande capacidade técnica, e o seu jogo vistoso e a sua garra. Trinta e quatro anos depois desse jogo, em 23 de dezembro de 1955, o jornal "A Gazeta" fez publicar do seu apreciado colunista de esportes "Olimpícus", um artigo que fala fundo no coração dos jundialenses, dos torcedores do Paulista e, sobretudo, aos que assistiram aquela memorável peleja.

Eis o que diz o articulista:

"Lembramos outro dia o futebol de Jundiaí, o Paulista, o Corinthians. A história já tem poeira, muita coisa está esquecida, porém não o sentido... Mas, entre tudo que foi o Interior no passado, muita coisa poderia ser da atualidade, respeito ao fabuloso ataque do Paulista.

"Pode-se dizer que, em 1921, ano da vitória do Paulista, no Campeonato do Interior, a vanguarda deste clube era a terceira ou quarta do nosso futebol. Só a do Paulistano tinha mais classe e experiência. Naquele tempo valia o jogo combinado, antes de mais nada. Favareto, Batata, Camargo, Minguta e Lamane- res eram os cinco craques do Paulista. Era o tempo do amadorismo. Mas os melhores elementos do Interior já eram atraídos pelos clubes da Capital. Como se explica o fato de Camargo, Minguta ou Lamane- res, ou todos juntos não terem sido "cantados" para jogar na 1ª Divisão? Alguns deles vieram, mas já tarde, anos depois, veteranos, decadentes. Mas, em 1919, 20 e 21, os craques da linha do Paulista eram infernais, não só individualmente, como em conjunto. Eles fizeram furor no Campeonato do Interior e nos jogos

amistosos contra os "esquadrões" da capital.

"Um belo dia, chegou a prova de fogo, o exame máximo, a consagração da ofensiva jundialense. A "APEA" fazia disputar a Taça "Competência" entre o Campeão do Interior e o da 1ª Divisão. Então se defrontaram o Paulistano e o Paulista, campeões de 1921. Foi um espetáculo pirotécnico de futebol, as duas maiores ofensivas, frente a frente. Imaginem, o jogo, na Capital, o Paulista a enfrentar o maior esquadrão do Brasil, com o ataque de Formiga, Mário, Frederich, Zechi e Netinho! Incrível! Foi um duelo impressionante de gols. O Paulistano venceu por 6 a 3, uma contagem digna de uma partida entre o ataque nº 1 do Brasil e o ataque nº 1 do Interior. Os jundialenses responderam, replicaram, com uma classe extraordinária! Repetimos que, talvez, foi aquele como exibição de futebol, puro e realizador, o maior choque ofensivo de todos os tempos entre um clube da Capital e um do Interior.

"Mas, dizíamos, até hoje parece incrível, o fato de os cinco avantes do Paulista não terem sido "lançados" (como se dizia então) pelos clubes da Capital. Foi um

jogo de deixar saudades, onde o Paulista foi goleado, mas também "goleou".

O fato mais notável, que chegou mesmo a ser comentado pela imprensa paulistana, foi o de ter o Paulista conquistado o Campeonato e ter conseguido tantas e tão retumbantes vitórias, sem fazer um único treino, pois o seu campo achava-se então em reformas e todos os jogos foram disputados em campos estranhos.

Foi este o quadro que conseguiu o segundo título de Campeão do Interior para o Paulista: Valdemar, James e Lilo; Candão, Virgílio e Pichi; Favareto, Batata, Camargo, Lamane- res e Minguta.

OoOoOo

A festa que o presidente ofereceu — Mais uma vez a cidade vibrou com a conquista do almejado título. Foguetes explodindo sem parar, bandas de música, as ruas centrais com movimento incomum e compacta multidão em frente à sede do Paulista, extravasando enorme euforia.

No domingo seguinte ao da conquista do título, o presidente do clube, sr. José Cassalho, ofereceu aos jogadores e demais diretores um almoço em sua chácara. Homem de gênio

expansivo, anfitrião acostumado a tratar os seus convivas com excepcional fartura em sua mesa, fez com que esse almoço transcorresse em ambiente agradável e deveras festivo.

Nessa mesma noite, alguns dos diretores que tomaram parte no almoço foram até a residência do sr. Cassalho e convidaram-no para um jantar em retribuição. Durante o mesmo, notou o presidente do Paulista que os pratos ali servidos, por estranha (?) coincidência eram iguais aos que ele houvera oferecido no almoço em sua chácara. Então, tudo lhe ficou claro. O almoço na chácara tinha sido tão abundante que alguns comensais tiveram a idéia de fazer uma brincadeira, oferecendo-lhe a sobra do mesmo almoço, como se fosse um jantar de retribuição. E, diga-se de passagem, foi também um lauto jantar, que igualmente terminou na maior camaradagem e alegria, tudo em regozijo pelo grande acontecimento que fora a conquista do Campeonato do Interior, pela segunda vez, pelo Paulista F.C.

No próximo número iremos relatar como transcorreram nesse ano a reforma do campo do Paulista, a grande ajuda que a Companhia Paulista de Estradas de Ferro e entraremos na narração das façanhas do tricolor no ano de 1923.

José Faggiano Júnior

JUNDIAÍ CLINICAS



LOCAIS DE ATENDIMENTO

UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242

Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE ANCHIETA

Rua Padre Anchieta, 476

Fone: 4-2454

UNIDADE RANGEL

Rua Rangel Pestana, 222

Fone: 4-1001

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372

Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372

UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495

Campo Limpo Paulista

HOSPITAL

SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s. n. — J. Messin

Fone: 4-1666

RESTAURANTE E WYSKERIA

— DON GUIDO —

ONDE COMER BEM

NÃO É SÓ UM PRAZER, MAS
TAMBÉM UM PRIVILÉGIO

JÁ EM FUNCIONAMENTO

RUA DO ROSÁRIO, 670



Vende-se felicidade. Preços módicos.

Morena, cerca de 30 anos, trajando um conjunto de blusa e calça de brim, a mulher entra na casa de artigos de Umbanda e, enquanto aguarda a vez de ser atendida, passa a olhar pela estatueta do preto velho, tamanho, pelas vitrines, pelos inúmeros instrumentos de percussão, pela centena de colares dependurados aqui e ali.

Além da aparência triste, certa impaciência se revela nos dedos da mão direita, que tamborilam sobre o vidro da vitrine. E atendida por uma mulher de meia-idade e começa a falar com seu sotaque marcadamente carioca:

"É o seguinte. Meu homem me abandonou".

Essa mulher de cerca de 30 anos, carioca, está contando seu "caso de amor" pela quarta vez, nesse dia. Ela é repórter do **Jornal de 2ª**, e está fazendo um trabalho sobre o comércio de artigos de umbanda. Nas três casas anteriormente visitadas os atendentes recomendaram-lhe pessoas e Centros, onde ela encontraria

gente capacitada a ajudá-la na reconquista do amor perdido. Nesta última (Casa Ibegi, rua Rego Freitas, São Paulo), a senhora que atende não faz menção a Centros, mas pede que ela conte o seu caso, para ver o que pode indicar, embora "a moça que conhece melhor o assunto não esteja, no momento".

"Meu homem me abandonou", prossegue a repórter. "Eu vivia com ele há três anos e, de repente, ele decidiu ir embora. Já fiz de tudo e agora resolvi ver se vocês podiam me ajudar".

Embora a moça que entende melhor desses assuntos esteja fora, a senhora de meia-idade começa a sugerir as primeiras providências.

Para começar, um patuá para ser usado numa corrente, ou preso com alfinete à roupa. É um tubinho de plástico, em cujo interior existem uma minúscula imagem de madeira (um pauzinho com olhos, nariz e boca pintados), alguns fios que se parecem com crina de cavalo, uma esfera de aço e uma semente olho-de-

cabra", tudo minúsculo, o patuá medindo 3 ou 4 centímetros de altura. E um "abre caminho", que facilitará todas as coisas para a mulher infeliz. Não é específico para casos de amor, é simplesmente para "abrir os caminhos".

"Tá bem. Mas eu quero, mesmo, é meu homem de volta".

Pois bem, aqui estão os meios. Começar com 7 banhos das seguintes ervas: "abre caminho", "hei de vencer", folha de jerema e "comigo ninguém pode". As ervas são vendidas em caixinhas. Custa 5 cruzeiros cada caixinha.

E uma pena que a moça não esteja aqui. Ela conhece uma pessoa que faz um "banho de sacudimento". Esse banho, minha filha, faz misérias. Que pena ela não estar aqui. É um pouco caro, mas esse banho resolve mesmo". O "banho de sacudimento" custa 300 cruzeiros e só existe um homem em São Paulo, um baiano, que sabe como fazê-lo.

Na loja anterior, o proprietário, Abel, poderia jogar os búzios para tentar resolver o

problema da mulher abandonada pelo seu homem. Mas teria que ser à noite, num Centro com o qual a casa parece manter um Convênio". Aliás, a maioria das casas mantém esse tipo de convênio com Centros ou pessoas especiais. Os búzios, do Abel custam 30 cruzeiros, para serem jogados.

Na Casa Ibegi, continua o "shopping" da nossa repórter.

Além dos banhos, ela deve comprar duas pequenas imagens de Santo Antonio, em madeira, colocá-las face a face e amarrá-las, assim juntas, com uma fita especial. Chama-se a isso "fazer um breve com Santo António". Depois, colocar o breve dentro do travesseiro: é uma grande ajuda. As imagens de Santo Antonio custam 3 cruzeiros cada, mais as fitas. "Se a moça estivesse aqui ela poderia explicar melhor. Mas que isso ajuda, ajuda".

Duas outras providências são infalíveis, na reconquista do homem amado.

A primeira são gotas de verbena "que você mistura no seu perfume

favorito. Se ele sentir esse cheiro, ele volta".

Mas tem também o "pó de atração". Basta passar esse pó em qualquer parte do corpo, principalmente braços e mãos, e tocar essas partes na pessoa amada. "É só encostar e ele fica doido por você. Você tem oportunidade de chegar perto dele?".

A repórter diz que não. Ela dificulta, porque quer saber que os outros recursos existem, à distância.

E as sugestões continuam, sempre feitas com muito jeito, nada é imposto à cliente.

Tem o perfume de pomba-gira, mas esse também exige aproximação. Com o amado longe, talvez seja bom levar uma "vela de 7 dias" que precisa ser acesa dentro de um "copo virgem", produto exclusivo da casa. A vela custa 12 cruzeiros, o copo 5 cruzeiros. "A vela você acende pro teu anjo da guarda".

E tem também a oração de Santa Catarina, um papelzinho já impresso, que custa baratinho: 1 cruzeiro. "É uma oração muito forte, muito boa".

"É uma pena que a moça não esteja aqui, ela é que entende mais desses casos. Por que você não volta mais tarde?".

Para não sair sem comprar nada, a repórter leva apenas o patuá, alegando que, quando voltar, trará mais dinheiro e comprará todas as coisas sugeridas. Não tem problema, a senhora é muito cordial, não insiste, não impõe nada à cliente. "Venha outra hora, quando a moça estiver aqui, minha filha".

Ao sair, a repórter anota que o movimento foi contínuo, na casa de artigos de Umbanda. Muita gente, mulheres, na maioria.

Pára na esquina da Rego Freitas, esperando o sinal se abrir para os pedestres. Da porta do bar um rapaz alto, forte, bem apinhado, lhe dirige um gracejo. Instintivamente a mão da mulher apalpa a bolsa a tiracolo, onde está guardado o patuá.

O sinal se abre, ela atravessa a rua, sorrindo e pensando consigo mesma: "Que boba!".

(Pesquisadora:
Ruth M. Souza).

Na estação rodoviária

Capitulo I:

Amor de mãe

A mulher se distrai vendo qualquer coisa, a criança de três anos caminha uns dez minúsculos passos e pára olhando o movimento de gente.

A mulher volta a si, se assusta, sai correndo atrás da criança, puxa a criança violentamente pelo braço, dá um tapa estalado na mão da criança e arrasta a criança até onde estavam, berrando "eu já falei que não é pra sair daqui!"

Capitulo II:

Atendimento perfeito

— Pra que horas tem ônibus?
— Bzzzbzzzbzzzbzzz.

— Que horas?
— Minhâminhâminhâmmmm.

— Que horas é o próximo?
— SETE E QUINZE, PO!!!

Capitulo III:

Férias de amor

O casalzinho vem na maior disparada, ele bem na frente.

Chegam à plataforma de embarque, ele espera ela chegar, ela apresenta as passagens ao motorista, entram no ônibus.

Ainda na escadinha da entrada ele pergunta a ela:

— Que poltronas?

Ela olha os canhotos:

— Um e dois.

— Saco, eu queria ir namorando...

Célia

Inferno na torre

Um edifício de 138 andares que começa a pegar fogo logo no início do filme, é o tema de "Inferno na Torre", cartaz atual do cine Ipiranga, em São Paulo, e breve em Jundiaí.

É uma fita dirigida por John Guillermin e estrelado por Paul Newman, Steve MacQueen, Faye Dunaway, William Holden, Richard Chamberlain e Fred Astaire, o que significa que trata-se de uma produção caríssima.

Com um elenco tão quente mandando brasa, o resultado é uma grande labareda que arde durante duas horas e quarenta e cinco minutos.

Graças aos fantásticos efeitos

especiais, o filme mantém o espectador em "suspense" do começo ao fim, e, com direito a insônia graças a uma dor de cabeça causada por tensão nervosa, ou a pesadelos horríveis no caso de dormir.

"Inferno na Torre" é um filme destinado para os que gostam de emoções fortes e para os que têm nervos de aço.

E, diga-se "de passagem pelos nossos estúdios", paradoxalmente é uma travessa cheia tanto para os bombeiros como para os piromaníacos.

O mérito maior desse filme, contudo, é fazer com o espectador deixe de fumar, pois saindo do cinema a gente fica com medo até de pegar numa calhinha de fósforos.

Muro de arrimo



Quando, em 1974, os jornais noticiaram a morte do pedreiro João Ribeiro, de 35 anos, envolto com a bandeira brasileira, vitimado, segundo a "causa-mortis" de sua certidão de óbito, por um enfarte provocado pelo desgosto da desclassificação da Seleção Brasileira na Copa Mundial de Futebol, Carlos Queiroz Telles, ao ler a notícia, teve a feliz idéia de escrever uma espécie de reportagem teatral sobre o assunto.

E, foi assim, dessa maneira, que surgiu — ou, para usar uma linguagem espiritista, "baixou" a peça "Muro de Arrimo", um monólogo teatral em que desenvolve, com profundidade, as angústias, alegrias, perplexidades e dúvidas, do pedreiro Lucas (Antonio Fagundes), única personagem em cena construindo uma parede no último andar de um edifício, algumas horas antes da Seleção Brasileira

ser derrotada pela Seleção da Holanda.

Contudo, numa heróica tentativa de querer desvendar, decifrar, saber o porquê, a razão do constante aumento do custo de vida, ele externamente simples, fácil, e, é forçoso admitir, poética, todos os seus medos, inseguranças, angústias, complexos e outros sentimentos inconscientes de "cair em desgraça" no conceito de seus superiores.

Esse medo de uma queda fatal, transparece, de modo trágico, patético e, no mais das vezes, hilariantes, em todo o texto fascinante do monólogo excepcionalmente inteligente de Carlos Queiroz Telles.

Além disso, o autor de Muro de Arrimo soube, com maestria, colocar nos lábios de Lucas frases irônicas que não deixam a menor dúvida sobre a sua fé indestrutível, inabalável, e, até contraditória, no progresso.

"Muro de Arrimo" é uma peça honestíssima, vigorosa, feita de maneira absolutamente digna, que, graças à direção irretocável de Antônio Abujamra e à "performance" absolutamente perfeita de Antonio Fagundes, se constitui no melhor espetáculo teatral em cartaz atualmente em São Paulo.

Eu nua



O livro Eu nua, de Odete Lara, é, no momento, um dos dez mais vendidos em todo o Brasil.

Esse volume, editado pela "civilização Brasileira", é uma autobiografia da autora, que, depois de sete anos de tratamento psicanalítico resolveu, depois de alguma hesitação, tornar público, da maneira mais absolutamente franca, a sua trágica viagem existencial até o encontro de si mesma.

Não cabe, aqui, indagar os motivos que levaram essa artista de cinema, televisão e teatro, a revelar, de maneira espantosamente escancarada, as desgraças que marcaram sua infância, adolescência, juventude e maturidade, até o ponto em que, não suportando mais as desgraças, humilhações, desencantos que marcaram sua existência, num ato de desespero, submeteu-se a sete anos de divã de analista.

É sempre muito difícil, para quem julga, preci-

sar — sem correr o risco de fazer juízos precipitados — o motivo, ou os motivos que levam uma pessoa a escrever uma autobiografia.

Simple desejo de um desabafo, uma comunicação passiva, sem esperar ecos ou respostas de suas palavras? Um desejo sincero e generoso de transmitir a experiência vivida para utilidade do próximo? É possível, inclusive, que essas duas hipóteses juntas, tenham levado Odete Lara a escrever sua auto-biografia.

A leitura do livro nos faz conhecer, com todos os terríveis pormenores, um ser humano profundamente desgraçado, arrasado, que, desde a infância, sempre foi usado, o que levou Odete Lara a confessar (talvez inconscientemente), a profunda carência afetiva que a levou a uma vida de promiscuidade amorosa, na eterna busca do amor, tanto que, corajosamente, não esconde as suas experiências homossexuais.

E, sendo que a autobiografia de Odete Lara nos dá a conhecer uma das vidas mais dolorosas e insuportavelmente tristes de que tenho conhecimento, eu a respeito, justificando e perdendo esse seu desabafo.

O livro de Odete Lara, como depoimento, é muito bom.

Inclusive, é muito corajoso.

Pufs!

Diáfano é um vocábulo grego que significa produto de um roubo.

Vaticínio: assassinio de poeta.

Braille é a reunião dançante dos cegos.

Termômetro é um aparelho para medir as palavras.

Morfeu fazia sonoterapia.

Telepata é a pessoa que ficou doida de tanto ver TV.

Espectáculo: cadeira de faquir

Suspeito é o sinônimo de "soutien"

Himeneu morreu solteiro.

Budismo é o ramo da Medicina que trata das doenças da região glútea.

Calvário: doença que causa a queda dos cabelos.

Catástrofe é a mania de colecionar poemas.

ZARTEU



HORÓSCOPO

Carneiro (21/3 a 20/4)

Teu signo é o da cidade. São 200 mil carneirinhos vendo as figueiras cortadas e balindo. Vocês merecem o lobo que têm.

Touro (21/4 a 20/5)

Bota fitinhas nos chifres e vai desfilar na rodoviária provisória. E vai mugindo, churrasquinho, vai mugindo.

Gêmeos (21/5 a 20/6)

Pelo menos uma das tuas personalidades poderia protestar. Mas você é mais de curtir som, né. Teipe pirata pra você, gatinho.

Câncer (21/6 a 21/7)

Procure destruir qualquer coisa. De preferência árvores antigas. Quem sabe você assadura uma sub-legenda

até novembro. Arena, de preferência.

Leão (22/7 a 22/8)

Tua sorte é que a juba não é verde. Se fosse, altas horas da noite tinha alguém lá derrubando tudo. Provisoriamente, é claro.

Virgem (23/8 a 22/9)

Você corre sério (ou alegre?) risco. O que eles estão desbravando pela

não é normal. Muito progresso pra você, garota.

Balança (23/9 a 22/10)

Você terá grandes galhos nesta semana. Passe pela prefeitura que eles dão um jeito. Mas passe à noite.

Escorpião (23/10 a 21/11)

Sulcidez imediatamente, antes de se transformar em marco histórico. Eles andam adoidados atrás de marcos históricos.

Sagitário (22/11 a 21/12)

Evite atrapalhar os ônibus na ex-Praça das Bandeiras, ou eles correm também. Cavalgadas. Eles, se você me entendeu.

Capricórnio (22/12 a 20/1)

Teus longos chifres correm sério perigo, à noite. A menos que não sejam marco histórico. Pelo sim, pelo não, corra.

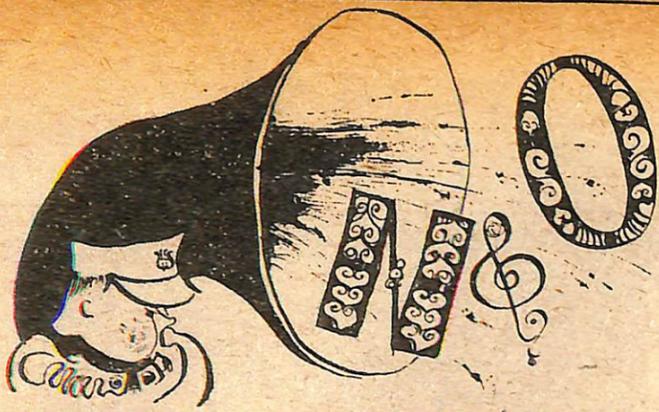
Aquário (21/1 a 19/2)

Mesmo aquelas algumas verdinhas correm risco. Mergulhe fundo e procure voltar à tona em novembro: eleição é a tua vingança, cara.

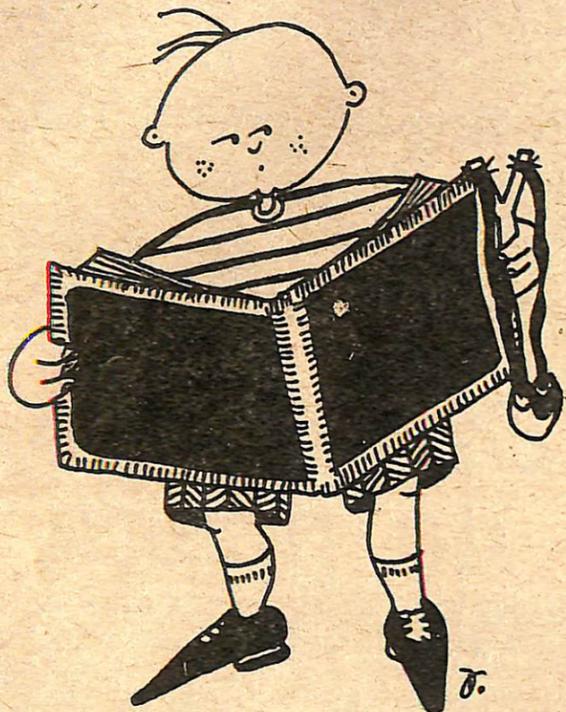
Peixes (20/2 a 20/3)

Ué, vocês não eram dourados! Como? Vermelhinhos de vergonha? É o progresso — na opinião deles, meus filhos.

Profa. Zuleika



LEITURA POSTAL



O hábito de leitura é importante, no entanto, precisa ser incentivado, principalmente no curso primário, quando as crianças têm pouca motivação para ler livros a não ser os obrigatórios nas escolas.

Como solucionar o problema num mundo onde o apelo da imagem em movimento é bem maior? A Editora Tecnopint S/A parece que encontrou a solução: distribuiu maços com

28 jornalinhos aos professores nas próprias escolas, os quais por sua vez foram distribuídos aos alunos. Em cada jornalzinho consta o nome e o preço de vários livros, cabendo somente ao próprio aluno a escolha ou não.

Os resultados foram surpreendentes: o correio não pára mais de entregar pelo reembolso postal os livros recomendados.

(Regina).

É PROIBIDO ILUMINAR



Consta que o Chefe do Executivo Municipal indeferiu todos os pedidos de isenção do imposto de publicidade incidentes sobre os letreiros luminosos.

Primeiro exigiu-se dos comerciantes que requeressem pagarem uma taxa de vistoria e depois indeferiu a todos os

pedidos por não considerá-los artísticos e sim meros veículos de propaganda. Brilhante.

Desejaria o Prefeito que os comerciantes mandassem fabricar luminosos sem propaganda, com figurinhas, de elefantes, fadas com varinha e tudo, bem bonitinho. Não se pensou a colaboração que esses senhores estão dando para a iluminação pública.

Experimente retirar todos os luminosos da cidade e verifique o que resta: uma escuridão maior (é possível?) do que a que há na praça Governador Pedro de Toledo.

ARREDA, CAPETA!

Delicadas mocinhas e fogosos moçoilos enfrentaram no dia 1º do ano uma quilométrica fila para assistir ao filme "O Exorcista", em exibição no Ipiranga. Motivados talvez pela grande

publicidade acerca da fita, deixaram a ressaca de lado e viram os maquinismos usados na expulsão do demônio que vilmente se apossou do corpo de uma menina. É certo que o filme deu um **ibope**, dos diabos! (Pepe).

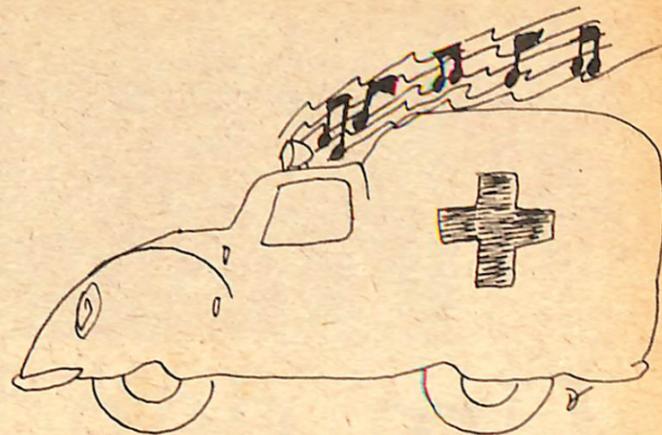
ABAIXO

A CORRUPÇÃO

O comandante do Exército, general Jorge Videla, exigiu do governo que punisse a corrupção

e a imoralidade nas esferas administrativas. Isto aconteceu na Argentina, na semana que passou.

COM OU SEM?



Terá havido concorrência pública, tomada de preços ou convite à participação das firmas interessadas no fornecimento dos aparelhos rádiotransmissores recentemente adquiridos pela Secretaria da Saúde do Município para equipar suas viaturas e as unidades de serviço?

Quem está levantando essa questão (endereçada ao prefeito) de relevante interesse dos munícipes que recolhem seus impostos à Prefeitura e desejam vê-los corretamente aplicados, é o vereador Abdoral Lins de Alencar, através de requerimento apresentado numa das últimas sessões da Câmara Municipal. Deseja-se saber, também, o custo dos aparelhos mencionados e, tendo havido licen-

tação, a data em que foi publicado o respectivo edital e qual a firma selecionada para o fornecimento.

ASFALTO

Outra questão levantada por Alencar, na mesma sessão da Câmara, é referente ao recapeamento asfáltico da Avenida Jundiaí. As indagações a espera de resposta são estas: As despesas correram por conta da verba destinada à execução do sistema viário? Se negativo, que verba foi utilizada para a cobertura das despesas? Quanto está custando aos cofres públicos a execução de tais serviços? Na base de quanto por metro quadrado? (C.F.P.).

SUBIMPrensa

Pronta e enérgica intervenção do ilustre Governador Floriano Peixoto Faria Lima liquidou a chamada subvenção à Subimprensa, assim se referindo o jornal O Estado de São Paulo: "Parece encerrada, na área do Ex-Estado do Rio uma afrontosa e inveterada

praxe de corrupção: as assim chamadas "subvenções" à imprensa escrita e falada, instrumento vulgar de suborno da opinião e atentado contra a formação ética e aprimoramento profissional da classe jornalística".

Palmas ao Governador Faria Lima.

PASSAGENS AEREA S INTERNACIONAIS
 IBERIA - ALITALIA - VARIG
 T.A.P. - AIR FRANCE - S.A.S.
 LUFTHANSA - PANAM - SWISSAIR
 INFORMAÇÕES E RESERVAS: **ABITE TURISMO**
 FONES: 4-3922 - 6-1530 - RUA DO ROSARIO, 585

CONCERTOS DE TV, RADIOS E TAPES ELETRONICA ANZOLIN
 rua marechal, 533
 telefone: 6-7683

DECIO DENARDI
 desenhos, anúncios, rolhetos, logotipos
 r. dos bandeirantes, 683

Escritório de Advocacia

dr. ademercio lourenção
 dr. alcimar a. de almeida
 dr. francisco v. rossi

RUA SIQUEIRA DE MORAIS, 578, 1º ANDAR
 EDIFICIO MARIJU

MUDANÇA? IRMAOS VIEIRA TRANSPORTAM MELHOR 7000 100 FONES: 4-0229 - 6-5086

XEROX também é com o FOTO ZEZINHO
 ROSARIO, 523 - FONE 6-3795

ADVOCACIA

Dr. André Benassi
 Dr. Randal J. Garcia

ESCRITÓRIO

RUA BARÃO, 873
 TELEFONE 4-3899

JUNDIAÍ-SP

causas cíveis e criminais
DRs.
 • LAERTE DE FRANÇA SILVEIRA RIBEIRO
 • MARIO PEREIRA LOPES
 barão, 1041, 29ª a.
 fone: 4-3566

NOVIDADES Charme CALÇADOS ROSARIO, 626

LAGO AZUL RESTAURANTE PIZZARIA CHURRASCARIA SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72





Um dendroclasta à solta

A lei de Deus e a lei dos homens manda: não matar.

A lei dos homens pune severamente o homicídio que é o mais grave dos delitos na orografia dos crimes, mas também não deixa de punir à aqueles que matam à fauna e à flora, principalmente agora, num mundo altamente poluído onde a defesa da ecologia surgiu como matéria obrigatória para a própria segurança mundial.

Num instante assim, numa hora como esta, num momento em que todos os lugares se defende a flora, em

nossa cidade, por ordem da autoridade administrativa cujo mandato este ano se encarregará de eliminar, cortam-se árvores de ornamentação pública, árvores que tem história e que não poderiam ser sacrificadas.

Cabe agora à Justiça, porque o Ministério Público tem obrigação funcional de examinar a matéria face à lei penal, dizer se o sr. Prefeito Municipal violou ou não a letra "n" do art. 26 do Código Florestal. E cabe à Justiça porque, em tese, houve violação a esse preceito contravençional que pune com pena de até um ano

de prisão àqueles que eliminam árvores ornamentais e imunes de corte.

Acontece que as figueiras da Praça da Bandeira, por lei municipal sancionada à época em que era prefeito o sr. Walmor Barbosa Martins, se tornaram imunes de corte. A norma municipal não foi revogada mas sim flagrantemente violada pelo atual Alcaide.

De duas uma: ou houve contra-venção florestal ou desrespeito à lei municipal vigente que foi rasgada e tornada letra morta.

Assim, como a matéria no âmbito

penal é de ação pública, as nossas autoridades judiciárias e policiais não poderão deixar de tomar conhecimento do fato e imediatas perícias técnicas deverão ser feitas para se atestar a vitalidade das figueiras na época de sua morte.

Por outro lado o Legislativo tem a obrigação de enfrentar a problemática face à Lei de Responsabilidade dos Prefeitos, porque uma lei do município foi violada e violentada e se permanecerem calados as árvores poderão continuar a morrer porque um dendroclasta estará solto nas ruas de Jundiá.

Áreas verdes: devastação

até dez anos atrás havia um Posto de Puericultura no prédio que hoje abriga a estação rodoviária. Havia, inclusive, uma cerca limitando o terreno onde funcionava aquele órgão do Estado. O município não mediu esforços para recuperar aquela área e integrá-la à praça. Conseguiu-se não só o terreno mas também a própria transferência do Posto para outro local. Mal se sabia que, dez anos depois, por incapacidade de previsão, a Prefeitura viesse a perder não só a área do antigo posto, mas também a do Parque Infantil e até mesmo as históricas figueiras, tudo em troca de uma estação rodoviária provisória.

MANIFESTO

A Associação dos Engenheiros de Jundiá, em coluna semanal que mantém em diário local, manifestou-se à

respeito a 24 de outubro de 73, criticando a medida provisória que se iniciava. Abaixo, trechos do texto:

"As soluções provisórias, um hábito que tem acompanhado seguidas administrações do nosso município, trazem o inconveniente de que seus gastos, se bem que reduzidos, em breve tornem-se inúteis. Além de se constituírem investimentos programados para serem perdidos, há outros inconvenientes, que acabam também gerando prejuízos.

Por outro lado, a expansão das empresas que se utilizam da estação rodoviária, forçará esta a uma ampliação de suas dependências. Estas alterações serão maiores, e mais sérias quanto for o período pro-

visório. Tais aspectos poderão interferir na transformação da estação rodoviária provisória em definitiva, e com isto estaremos perdendo uma das maiores e melhores praças da cidade.

Nossa cidade conta com a natural depressão do Córrego do Mato passando bem junto ao centro urbano, que muito bem se ajustaria à construção da Rodoviária.

Esse local junto ao centro da cidade desobriga grandes remodelações dos transportes. E os coletivos urbanos poderão continuar fazendo os mesmos itinerários, não encarecendo as passagens dos jundienses que viajam para fora diariamente."



Um crime na praça

Ainda que não bem tratadas, as inocentes figueiras sobreviveram a uma longa vida cheia de ricas histórias, não apenas de si, mas de toda uma cidade. Da mesma forma — ou mais — que as figueiras da Praça Tiburcio Siqueira, as da Praça da Bandeira faziam parte integrante da evolução do município, e como tal deveriam ser preservadas, por mais envelhecidas que estivessem, seu extermínio não deveria acontecer. Assim parecem pensar todas as pessoas sãs que refletem sobre o assunto, da mesma forma que disse um amigo: "Se estão velhas, esperemos sua morte para removê-las"; elas merecem viver até o fim".

Ato premeditado

Enquanto suas amplas copas sombreavam a praça, olhos de cobiça as observavam, até que um estranho parecer técnico brotou, procurando justificar o golpe do prefeito contra as centenárias e indefesas árvores. Qualquer pessoa, sem entender de botânica, ao passar ao lado dos tocos que restaram, pode constatar o quanto vivas estavam as figueiras, verificação essa que um agrônomo teria obtido com um simples e minúsculo canivete. Afirmar que tais árvores estavam mortas, é o mesmo que se atestar o próprio óbito.

Tortura e morte

É difícil dizer qual das posições é a mais provável: se a cidade não acreditava na consecução do aberrante ato, e não se manifestou, ou se o prefeito estava seguro da apatia dos jundienses, certo de que esses não reagiriam em defesa das árvores.

De qualquer forma, o mandante alegraria a necessidade de remoção dos galhos que estivessem atrapalhando a passagem dos ônibus, como se estes não tivessem direção e se locomovessem através de trilhos.

Mas, em estranhas horas, como que fugindo ao policiamento da população, os cortes começaram. Pena que as árvores não tenham vozes audíveis, senão a cidade não iria conseguir dormir com seus gritos. Pouco a pouco foram dilacerando o corpo das pobres figueiras e a falta de segurança na decisão talvez seja a responsável pelo prolongamento do suplício, que ainda perdura.

Filosofia ?

"As pessoas guardam muito mais história e também morrem pela lei de Deus" (o grifo é nosso).

Um diário local, em notícia a respeito, mencionou que essa foi a filosofia dita e seguida pelo prefeito no corte das figueiras. Se isso é verdade, é um fato a mais para se lamentar. Parece incrível que, em pleno século XX, uma cidade com mais de 200 mil habitantes esteja sendo mandada (expressão preferível à governada) dessa maneira. Esquece ele que, apesar de o homem ser sempre o autor principal da história, os eventos serão registrados nos escritos, na arte, nas construções, ou até em simples árvores. Lastimável é quando o homem faz a história pelo extermínio. A última guerra mundial foi precedida de um grande desenvolvimento material do país que a iniciou, mas o personagem central dela sempre é tristemente lembrado, pelo extermínio que provocou. Assim também o será em Jundiá (A.F.P.).



Enquanto isso, a devastação das áreas verdes tem prosseguido. A área reservada no Bairro Bela Vista foi anulada por lei promulgada pelo Prefeito. Outra, prevista em terreno da Vila Hortolândia, está ocupada por uma indústria já em funcionamento. Sem se esquecer da Serra do Japi que tem suas terras dispensavelmente transferidas para o sistema viário, deixando à mostra enorme mancha, certamente irreparável.

AGORA, A PRAÇA

De bom tamanho, esta talvez seja a maior praça da cidade. Muitos devem se lembrar que